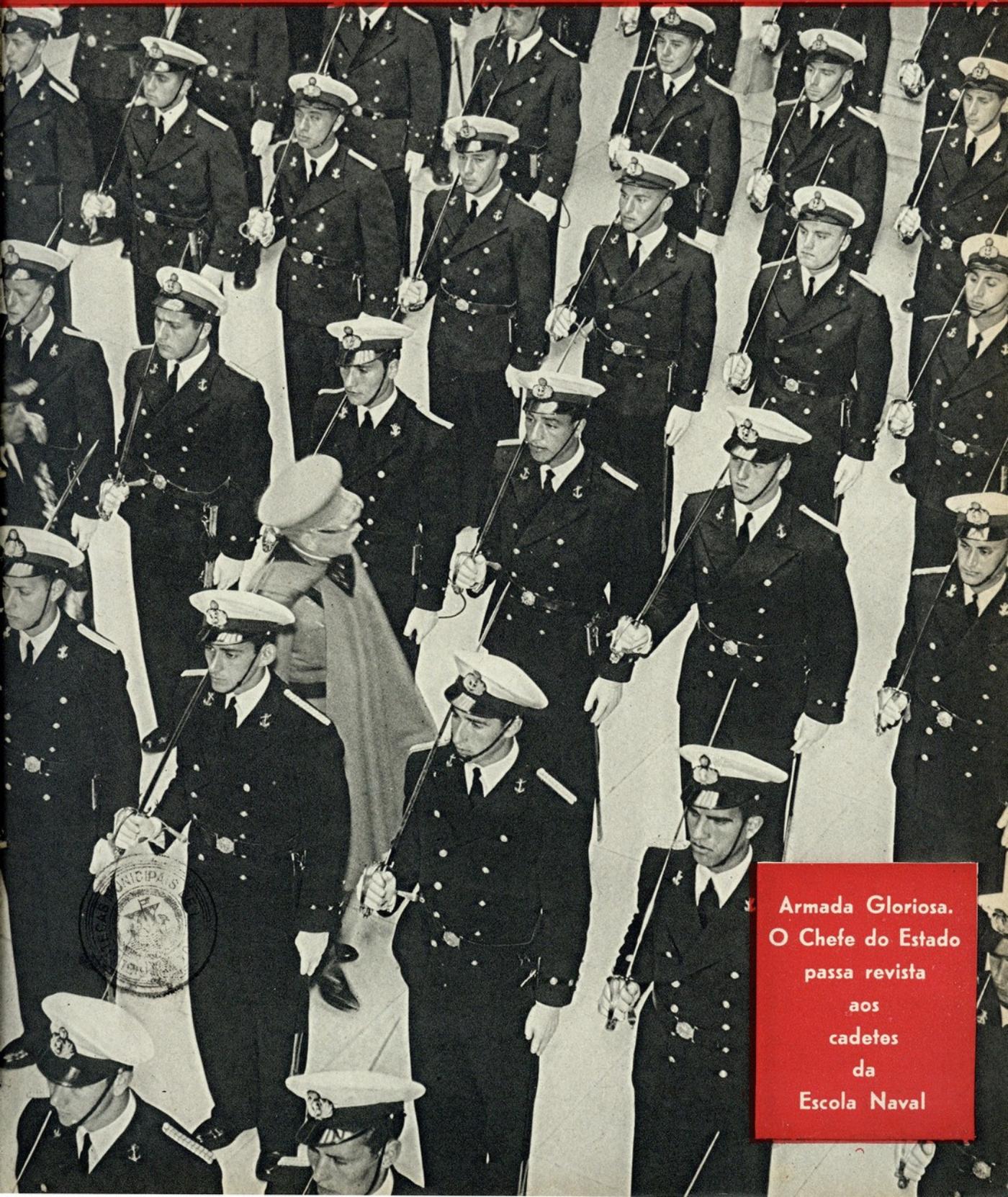


DEPOSITO 30 JUN 1944 15

MUNDO GRÁFICO



Armada Gloriosa.
O Chefe do Estado
passa revista
aos
cadetes
da
Escola Naval



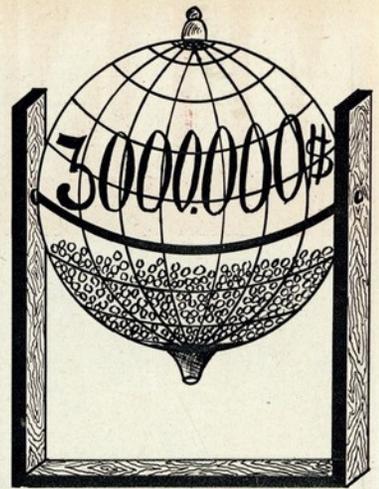
Lotaria Nacional Portuguesa

1.^a extracção extraordinária de 1941

SANTO ANTÓNIO
EM 14 DE JUNHO



PRIMEIRO PRÉMIO
3.000 contos
TRÊS MIL CONTOS



CASA CONDEIXA

JOGAR NESTA
CASA É ADQUI-
RIR A VOSSA
FELICIDADE

Rua do Arco Bandeira, 217
LISBOA

Dentro de poucas semanas as esferas da Lotaria Nacional da Misericórdia de Lisboa lançarão cá para fóra os números premiados da extracção extraordinária vulgarmente conhecida pela de Santo António, cujo prémio maior atinge a importante cifra de 3.000 contos.

São em grande número os que ainda ignoram que o principal objectivo da nossa lotaria é socorrer as várias instituições de beneficência contribuindo ainda, e valiosamente, para o desempenho de várias actividades que lhe estão adstritas.

Centenas de estabelecimentos, com numerozo pessoal, auferem dele os meios indispensáveis à sua subsistência, milhares de vendedores ambulantes, a maior parte dos quais não encontraria facilmente outros meios de vida, lhe devem a sua pobre existência, o que nos leva à conclusão mais do que lógica, de que todo aquele que adquire uma fracção da Lotaria se não obtiver qualquer prémio sabe que o seu dinheiro contribuiu para mitigar muitas dôres.

CAMBIOS LOTARIAS PAPEIS DE CRÉDITO

*Gouveia
& Silva*

(CAMBISTA NEVES)



R. da Assunção, 84-86
L I S B O A

CAMPIÃO & C.^A

*A casa que justifica
plenamente o seu nome*

Fundada em 1840

116, Rua do Amparo
L I S B O A

LOTARIAS CAMBIOS

PAPEIS DE CREDITO
CUPONS

●
Consultem

COSTA, L.^{DA}

RUA DA PRATA, 60 - LISBOA

Sumário

CRÓNICA INTERNACIONAL, por «O Observador»

ROBERT MENZIES, biografia

O HEROISMO DO EXÉRCITO INGLÊS

OS HOMENS DO FERRO, por Fausto Gonçalves

PAISAGEM DE INGLATERRA, por Pedro da Gândara

QUAL O SÍTIO MAIS BONITO DE LISBOA?
Responde o dr. Afonso Lopes Vieira

JORNALISTAS ESTRANGEIROS

A MAIS COMPLETA REPORTAGEM DA GUERRA, COM FOTOGRAFIAS EXCLUSIVAS A 4 PÁGINAS.

A VIDA DOS PEIXES

FRANCIS DRAKE, O GRANDE MARINHEIRO

O EGÍPTO E O CANAL DE SUEZ, por S. Saboya

FIGURAS E FACTOS

LONDRES, A CIDADE HERÓICA

COMO SE VESTE UMA MULHER, de Rodrigo de Mello

O GENERAL SMUTS, PRIMEIRO MINISTRO E COMANTE DAS TROPAS UNIÃO SUL-AFRICANA

PÁGINA FEMININA, de Aurora Jardim

A TAÇA DAVIS DE LAWN-TENNIS, por Cândido de Oliveira

CRÓNICA ALEGRE, de Marçal Saldanha

A TERRÍVEL AMEAÇA, novela de Cristiano Lima

CINEMA, de António Lourenço

CAPA de J. Lobo



OS ESTADOS UNIDOS, ARSENAL DA INGLATERRA

CRÓNICA ALEGRE

UM MODÉLO DE ECONOMIA

O meu particular amigo Isaac Abraão, judeu desde pequeno, era a pessoa mais económica deste mundo. Tão económico, que escrevia o seu nome apenas com um «a» e o seu apelido apenas com dois, não para poupar letras, mas para poupar tinta.

A sua vida era um perfeito tratado de economia. Era raro sair de casa para poupar calçado, dormia pouco para poupar a cama, e era tão económico que só tinha um fato e um filho. Mas não se julgue que com isto o Isaac era o que se chama esganado e passasse privações. Nada disso. A sua casa era farta e, ao jantar, havia sempre três pratos, um para ele, outro para a mulher e outro para o filho, e uma vez, no Verão, vi-o eu entrar numa leitaria e beber um capilé. Por tal sinal levou a casquinha de limão para casa para fazer chá do dito quando estivesse constipado.

A sua vida constituía, portanto, um nobre exemplo e corria serena porque o pai, que também fora muito económico, deixara-lhe um negociozito que ele, com o geito especial da sua raça, fizera prosperar. O filho, o Levy, estava também a ser educado naqueles sãos princípios e, assim, só fazia a barba de trez em trez dias para economisar a lâmina. Devo dizer, em abono da verdade, que era peor que o pai, pois, o bom do Isaac quando via alguém necessitado dava-lhe conselhos e o filho nunca deu nada a ninguém, nem sequer os bons dias.

Para se ver como eles eram, vou contar um facto passado há poucos dias.

Pai e filho estavam na casa de banho. O primeiro barbeava-se e o segundo esperava que o pai terminasse para lhe seguir o exemplo, visto que ambos só têm uma lâmina. Para ganhar tempo — que eles têm sempre que ganhar alguma coisa — o filho estava a tirar da espuma do sabão os pêlos da barba do pai, para a aproveitar depois. Terminado este serviço, o Levyzinho foi buscar um frasco com tintura de iodo para o arrumar noutro lado. O frasco, porém, estava mal rolhado e o Levy, sem querer, entornou algumas gotas na mão. Ao ver isto o pai não se conteve e gritou-lhe:

— Oh rapaz! Olha que estás a estrogar a tintura!

Como é de calcular, o Levy ficou aflito com aquele prejuizo e mais aflito ficou sem saber como o havia de remediar.

— Desculpe pai... E agora como há-de ser isto. Não a posso apañhar.

O Isaac que para tudo tem solução, viu, num relâmpago, a forma de aproveitar a tintura e retorquiu:

— Não! Lá a tintura é que não se pode perder.

E, pegando na mão do filho, deu um golpe com a lâmina de barbear, mesmo no sitio onde se tinha entornado a tintura.

Marçal Saldanha

Para
conhecer
Portugal
consulte
a C. P.

★
Informações:

em tôdas as estações

— em Lisboa, no serviço do
Tráfego — Telefone 2 4031

— no Pôrto, na estação de
S. Bento — Telefone 1722



Francis Drake, o grande marinheiro

NASCIDO em Tevistoch, no Devonshire, no ano de 1545, e filho de ardentemente protestantes, bem cedo ficou órfão e desamparado. Felizmente um parente afastado, o já celebre John Hawkins, tomou conta do jovem Francis, e já por vocação deste, e também devido a influência da sua educação, a verdade é que a carreira escolhida, foi a do mar. Passados poucos anos podia vêr-se o descendente dos Drakes, quer na ponte de comando, junto do leme, quer no «ninho da gralha» vigiando o horizonte. Por esta altura, não havia segredos que êle não conhecesse, os mares da Europa, África e Américas, e por êles andava arriscando em empresas comerciais as suas magras economias.

Em 1567, tendo somente 22 anos, acompanhava o seu prosector Hawkins, comandando a «Judith», numa expedição às costas do México, que teve um fim desastroso, porque surpreendidos pelos espanhóis na Baía de S. João de Villôa viram a esquadra quasi tôda destruída numa batalha naval, da qual escaparam milagrosamente Hawkins e Drake com o seu barco.

Em 1570 Drake obtem da Rainha Isabel a concessão, vulgar nesse tempo, duma carta de côrso, recurso usado por quasi todos os países que não tinham uma marinha de guerra

que pudessem opôr com vantagem à marinha espanhola. Assim em 1572 saia de Plymouth, fracamente armado com 2 pequenos barcos, o «Pashá» e o «Swan», atravessava o Atlântico e fundeava dois meses depois no istmo de Panamá, onde ataca a Cidade do Nome de Deus e destrói grande numero de barcos espanhóis. Quando se preparava para regressar a Inglaterra, foi atacado pelos espanhóis, já refeitos das perdas sofridas, vendose em grandes apuros para se conseguir salvar. Durante alguns meses não abandona as águas das Antilhas e, por fim, ataca Nova Cartagêna. Auxiliado por alguns indígenas consegue capturar 3 galões carregados d'ouro e prata. Depois deste êxito, regressa a Inglaterra e chêga a Plymouth a 9 de Agosto de 1573.

Pouco depois de ter chegado, apoia o conde de Essex, nos ataques que este dirige contra a Irlanda, equipando para tal fim, três fragatas à sua custa.

Em 1577, com o auxílio da Rainha Isabel, faz-se ao mar comandando cinco barcos, com os quais, depois de larga e acidentada viagem, chêga à Baía de S. Jerônimo, onde, depois de dominar uma sublevação continua a sua rota para o sul, atravessando o estreito de Magalhães. Aqui uma tempestada arrebatou-lhe dois bar-

cos e passado pouco tempo vê-se abandonado pelos dois restantes que regressam a Inglaterra. Mas Drake, com uma admirável perseverança continua rumo ao norte com o unico navio que lhe resta — o pequeno «Goldin Hind» de escasas 100 toneladas — e depois de lutas continuas, durante os quais a sua coragem nunca esmoreceu, dedicou-se a procurar uma passagem pelo norte que o levasse ao Atlântico. Em virtude da inutilidade dos seus esforços e depois de ter alcançado o paralelo 48 lat. N., dirige-se às Molucas, dali ao Cabo da Boa Esperança, e daqui a Plymouth onde chega a 3 de Novembro de 1580.

Drake é o primeiro marinheiro inglês que faz o periplo do mundo.

O relato das suas proezas, causa tanto entusiasmo em Inglaterra que a Rainha Isabel, ao mesmo tempo que o nomeia cavaleiro, dá ordem para que se conserve o «Golden Hind» como trofeu glorioso.

Em 1581 Drake é nomeado Major de Plymouth e, em 1585, casa-se segunda vez; mas espirito irrequieto e sedento de aventuras, parte imediatamente ao rebentarem as hostilidades com a Espanha, para uma nova expedição às Indias Ocidentais, comandando 25 navios que embarcavam 2.300 soldados e marinheiros.

Na iminência do ataque a Inglaterra, em 1588, Drake é nomeado vice-almirante e durante a luta com a «Invencível Armada» comanda uma das divisões que mais se distinguiram capturando durante a acção o almirante Pedro de Valdéz, alma do desastroso empreendimento.

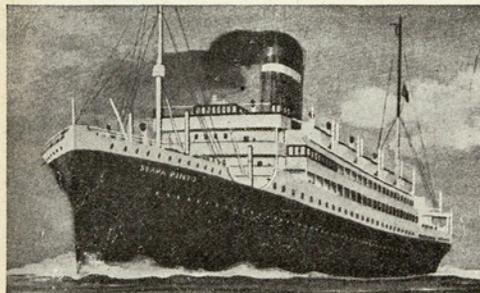
No ano seguinte — 1589 — o almirante Drake sai de Plymouth comandando uma armada de 80 velas com um corpo de desembarque, sob as ordens do general Norrey, de 11.000 homens e que se dirige a Lisboa para apoiar o infeliz príncipe D. António no seu intento de expulsar os invasores espanhóis do solo pátrio.

Finalmente, em 1595, juntamente com Hawkins, levou a cabo a sua ultima expedição, dirigindo-se as Indias Ocidentais com 26 navios e 2.500 de desembarque. Repellidos nas Canarias e em Porto-Rico onde morre Hawkins, o almirante Sir Francis Drake, depois duma vida heroica morre diante de Porto-Bello em 28 de Janeiro de 1595.

Apesar dos seus inimigos, Drake é e continuará a ser o heroi favorito do povo inglês e com justo motivo, visto ter sido um dos que mais contribuiu para fomentar o admirável poderio marítimo da Grã-Bretanha.

Fernando de Ferreira e Silva

OS PAQUETES da Companhia Colonial de Navegação



O LUXUOSO PAQUETE «SERPA PINTO»

ligam a Europa com as Américas do Norte e do Sul e com a África em linhas rápidas

PAQUETES

«Serpa Pinto»	8.267 T.
«Mouzinho»	8.374 »
«Colonial»	8.309 »
«João Belo»	7.540 »
«Guiné»	3.200 »

VAPORES DE CARGA

«Cassequel»	7.300 T.
«Ganda»	6.770 »
«Pungue»	6.290 »
«Malange»	5.050 »
«Lobito»	4.200 »
«Sena»	1.420 »

ESCRITÓRIOS

LISBOA — Rua Instituto Virgilio Machado, 14 (à Rua da Alfândega) — Tel. 2.0051

PORTO — Rua do Infante D. Henrique — Tel. 2.342

CREMES
PARA DE DIA
E
PARA DE NOITE


M'CAMPOS

Academia Científica de Beleza

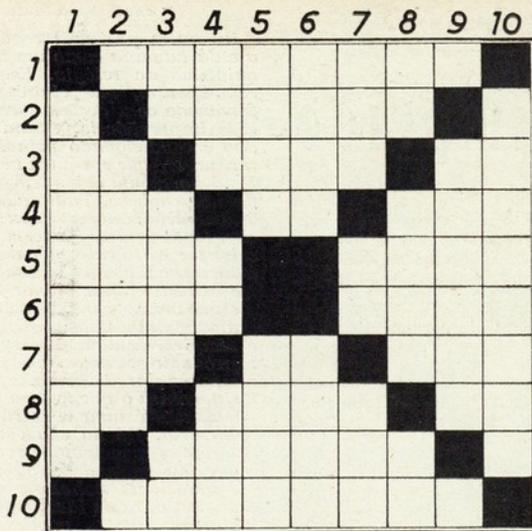
AVENIDA DA LIBERDADE, 35
TELEF. 2 1866
L I S B O A

Os produtos de beleza

Rainha da Hungria

PARA PELES NORMAIS, EMBELEZAM, REJUVENESCEM E ETERNIZAM A MOCIDADE

SALÕES DE ESTÉTICA E DE TRATAMENTOS DE BELEZA POR PROCESSOS CIENTÍFICOS



PROBLEMA N.º 15

HORIZONTAIS

1 — Ministro inglês. 2 — Poentes. 3 — Nota musical; dá gume a um objecto cortante; observei. 4 — Nome de mulher; campeão; irmã do pai (inv.). 5 — Recipiente que contém ou pode conter certo género; dificuldade. 6 — Aversão; abandonar o lugar. 7 — Advérbio; contração de proposição e artigo (inv.); iniciais de um estabelecimento de ensino técnico. 8 — Interj. designativa de espanto (inv.); interj. designativa de raiva. 9 — Que não trabalha. 10 — Um dos mais célebres aviões de caça ingleses.

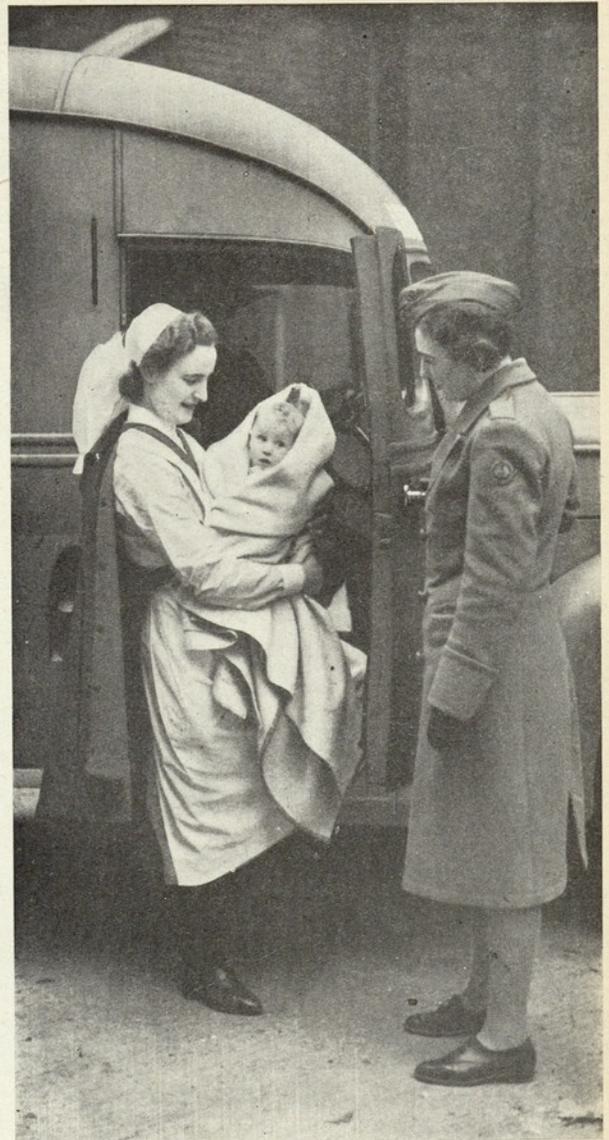
VERTICAIS

1 — Tecido. 2 — Fuga. 3 — Duas vogais iguais; qualquer porção de uma curva; poeira (inv.). 4 — Apa-

relho de rádio americano; contração de artigo e preposição; aqui (fr.). 5 — Maré forte; faço sair de um lugar (inv.). 6 — Deusa dos egípcios; na parte exterior (inv.). 7 — produz som; art. pl.; letras de "cais". 8 — Art. pl.; membros das aves; letra grega (inv.). 9 — Vou ver alguém. 10 — Triunfo.



Solução do problema n.º 14



Esta linda enfermeira da Cruz Vermelha americana filha de um milionário «yankee» mostra à sua chefe um bom e risinho «baby» que foi evacuado de uma cidade inglesa da linha de fogo e vai agora fazer uma viagem

Use o material fotográfico

ILFORD

PELICULAS/CHAPAS/PAPEIS



à venda nas casas de artigos fotográficos

PAPELARIA CARLOS

FUNDADA EM 1848

de CARLOS FERREIRA, L.da

Telefone 2 0244

34, Rua do Ouro, 38 LISBOA 147, R. S. Julião, 153

Artigos de Escritório

Material de Desenho

Casa especializada em livros para
ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

Artigos de fantasia, para escritório:

Tinteiros, pastas, facas para papel, canetas com tinta, lapiseiras, carnets, albums para fotos, pastas para mensagens, livros para visitantes, etc. etc.

Secção de tabacaria, valores selados e livreria



ROBERTO MENZIES

Logo que se iniciou o actual conflito, a Austrália marcou a sua posição de maneira inequívoca ao lado da metrópole. A declaração de guerra ao Reich (5 de Setembro de 1939) resultou dum movimento claro da opinião pública australiana.

Depois desse gesto inicial, a Austrália não tem deixado de contribuir poderosamente para o êxito da causa que a associou à Gran-Bretanha. Intensificou a sua produção industrial, mobilizou os seus recursos em homens, colocou-se no primeiro plano dos aliados.

Como há vinte cinco anos, os soldados australianos voltaram a pisar o solo da Europa e da África. O seu comportamento na Líbia excedeu todos os elogios durante a campanha exaustiva que levou o exército imperial do Nilo até Benghazi. Na Grécia, os adversários prestaram-lhes o testemunho da sua admiração justificada e compreensível. Os «anzacs» impressionaram o Velho Mundo.

O chefe do governo australiano está no primeiro plano dos que contribuíram decisivamente para esta tarefa de compreensão e de colaboração. O dr. Roberto Menzies é natural de Melbourne, onde fez os seus estudos de direito. Conquistou rapidamente uma sólida reputação no fóro e, em 1928, foi eleito deputado pela primeira vez. Depois dessa data, a sua carreira tem sido uma série ininterrupta de triunfos. Ministro da Indústria no gabinete Lyons (1928-1929), governador do Estado de Vitória e Primeiro Ministro do Dominio australiano, em todas essas funções se impôs pela sua inteligência, pela lealdade dos seus processos e pelas suas excepcionais qualidades de carácter. Homem de leis, as suas obras sobre direito constitucional têm reputação mundial.

A viagem recente que o dr. Menzies fez ao Norte de África e à metrópole britânica foi um pretexto para se afirmar de maneira inequívoca a solidariedade entre a Austrália e a Gran-Bretanha. Em toda a parte lhe proporcionaram um acolhimento entusiástico. Os seus recentes discursos radiofundidos de Londres testemunham, com o reconhecimento ao político, a decisão do chefe que a Austrália escolheu nesta hora difícil.

CRÓNICA INTERNACIONAL

O dever cumprido

No meio dos paradoxos gritantes que esmaltam o curso desta guerra há uma linha inexorável e clara que os acontecimentos vão seguindo. O resultado final da luta entre o avião de bombardeamento e o navio de linha decidiu-se na Noruega. O domínio dos mares continua a ser a condição essencial da vitória. O resto é obra dos homens, da sua tenacidade, da sua imaginação e da sua bravura.

Em Dunquerque o corpo expedicionário britânico, que parecia votado a uma derrota fatal, pôde ser posto integralmente a salvo. A operação repetiu-se, com êxito idêntico, nas praias da Grécia. Nem a aviação nem a acção rápida dos elementos que procuravam opôr-se à marcha concebida pelo comando inglês evitaram que ela se realizasse com uma certeza matemática.

A bravura de que deram mostras os homens que cooperaram nessa tarefa está acima de todos os elogios. O mundo pôde, através do seu procedimento, fazer uma ideia exacta da resolução que anima a Gran-Bretanha e do heroísmo que é característica inconfundível do seu povo.

«A força material, aquela que se vê e sente imediatamente é bem pouco nos prélios que põem em jôgo os destinos da humanidade. Comparando-a com ela, que havemos de dizer da força moral, a que se não vê mas a que mais importa, pois basta para suprir, em certa medida, todas as imprevidências, e a sua falta torna inúteis os outros recursos?» São dum dos maiores pensadores europeus do nosso tempo, infelizmente morto quando a procela assolava de novo o mundo, estas palavras reveladoras. Henri Bergson, o filósofo da «Evolução criadora», esclarecia assim o espírito dos que duvidam da supremacia dos factores morais na luta dos povos, que Bismark caracterizava com estas palavras definitivas, os imponderáveis da guerra:

«A energia moral dos povos, como a dos indivíduos, só se mantem à custa dum ideal superior a eles próprios, mais forte do que eles e ao qual podem apegar-se solidamente quando, porventura, a sua coragem vacila». Esse ideal superior que constitui a essência da intervenção britânica no actual conflito foi mais uma vez vitoriosamente posto à prova nos campos de batalha do sueste europeu.

A Gran-Bretanha prometera o seu auxílio à Grécia ameaçada por um inimigo incomparavelmente superior em número e em armamento. Prestou-lho dedicadamente ao longo duma campanha que, durante seis meses, pôs à prova e consagrou a solidariedade de ingleses e gregos. Não lho recusou na hora em que outro inimigo, mais forte e mais bem armado do que o primeiro, atacou a nação grega. O auxílio britânico realizou-se à custa de sacrifícios e de riscos que o mundo conhece e aprecia. Houve que sacrificar o prosseguimento da campanha vitoriosa da África do Norte para assegurar, num momento decisivo, o cumprimento da palavra dada. O governo de Londres e o povo inglês não hesitaram. Os soldados, os marinheiros, os aviadores e os chefes que se encarregaram dessa tarefa multiplicaram os seus esforços e fizeram prodígios para que a sua acção correspondesse inteiramente ao pensamento superior que a ditou. O heroísmo britânico afirmou-se mais uma vez. Quanto aos resultados da batalha os acontecimentos estão já a esta hora dizendo quem beneficiou com êles.

O OBSERVADOR

Meditação histórica

Há quem pretenda regular a vida humana como um maquinismo de relógio. Esquecem, porém, que ela é um fenómeno com acções e reacções imprevisíveis. O indivíduo é condicionado pela Natureza. E o que encontra nela? Uma harmonia cujas leis ainda não conhece. Tudo quanto é aberração, anomalia, excepção, tende a desaparecer. Na selva terrestre existem o tigre, a hiena, até mesmo o chacal, mas cada vez em menor número, e nem por isso os outros animais de hábitos pacíficos e simples, deixam de viver e reproduzir-se enquanto os primeiros se entredeuoram. A história, contra o que muitos supõem, não é uma construção arbitrária. Há na sua evolução um pensamento permanente, que nunca deixa aniquilar uma ideia nobre ou uma doutrina pura de idealismo.

O cristianismo, por exemplo! A sua perseguição só o tem tornado maior. Quando um homem supõe haver ganho todas as batalhas, encontra Deus que implacavelmente o derrota, se a sua espada não fôr o gládio da razão, da dignidade e da moral. Insensatos os que pretendem parar o sol! Ainda não é meio dia pleno de luz. Mas sê-lo-á!

Raids noturnos



Alguma coisa de novo se passa no céu da Inglaterra. De facto, a caça noturna da R. A. F. está obtendo êxitos brilhantes. Desde 1 de Abril a 8 de

Maio, foram abatidos oitenta e cinco bombardeiros alemães, quasi todos em combate aéreo. Numa só noite, foram destruídos quinze, e noutra, 24. Isto parece confirmar o que há tempos se disse de que os ingleses têm agora meios especiais de referenciar os aparelhos inimigos, descobrindo-os nas trevas em que se envolvem. Devemos estar na presença de qualquer engenho secreto que, postado em terra ou a bordo dos aviões, permite localizar, talvez pelo ruído dos motores, o inimigo.

Churchill fala

A sua oratória tem, por vezes, o valor decisivo duma batalha. É o homem que, em face da sua consciência, não fala apenas para o seu país, mas para o mundo, com tal clareza de verdade e tal decisão moral, que Pitt dir-se-ia ter ressuscitado no limiar da História.

Churchill foi o primeiro político inglês que viu avizinhar-se a guerra. Frequentes vezes, na Câmara dos Comuns, a sua voz se ergueu, trovejante, apontando as sombras da tragédia em que a Europa agora se debate. Os «Discursos de Churchill» compilados por seu filho Randolph, foram agora traduzidos em português numa edição primorosa da Parceria António Maria Pereira.

Escusado será dizer que o seu êxito é indiscutível.

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

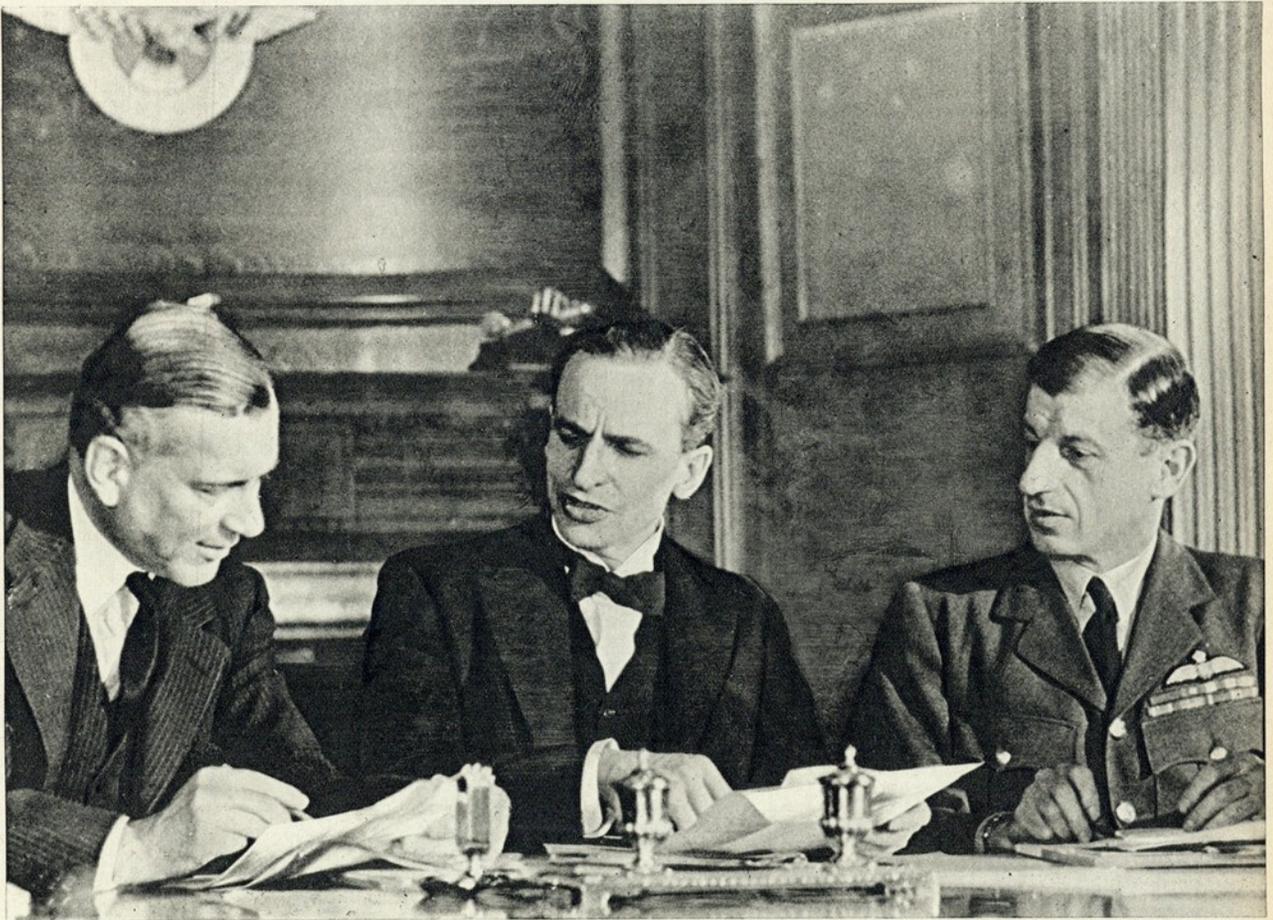
Director: ARTUR PORTELA
Editor: ROCHA RAMOSPropriedade de «Mundo Gráfico», L^a

Redacção e Administração: Rua de S. Nicolau, 119-3.º | Lisboa | Telefone 2 5240

Composição e impressão: Neogravura, Ld.^a, Travessa da Oliveira à Estrela, 4 a 10 — Lisboa
COMPOSIÇÃO GRÁFICA DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



O CÉREBRO DA R. A. F. O CAPITÃO A. BALFOUR, VICE-PRESIDENTE DO CONSELHO DO AR; SIR ARCHIBALD SINCLAIR, MINISTRO DA AERONAUTICA; E O MARECHAL SIR CHARLES PORTAL, COMANDANTE DA R. A. F.

O HEROISMO DO EXÉRCITO INGLÊS

POUCAS vezes se terá verificado na história uma tal coincidência. Os números apresentados pelo Primeiro Ministro da Gran-Bretanha ao Parlamento do seu país coincidem com os que o chanceler Hitler desenvolveu perante o Reichstag. O sr. Churchill disse que o corpo expedicionário britânico desembarcado na Grécia totalizava 60.000 homens. Dêstes, mais de dois terços, ou seja aproximadamente 45.000 homens, conseguiram reembarcar. Assim, as perdas totais, mortos e feridos e prisioneiros deviam andar à volta de 12.000 homens. O Primeiro Ministro acrescentou que o número de mortos e feridos do corpo expedicionário era de 3.000. O Chanceler do Reich revelou que foram feitos prisioneiros 9.000 ingleses e soldados dos domínios. A soma de mortos, feridos e prisioneiros não excede o número levado à Câmara dos Comuns: 12.000 soldados e oficiais das tropas do Império.

O número, apresentado mesmo assim, sêcamente, constitui o melhor elogio à perícia de comando e às qualidades de heroísmo e decisão dos executantes. A Gran-Bretanha, que assumira o compromisso de auxiliar a Grécia na defesa do seu território, cumpriu êste dever salvando a quasi totalidade dos efectivos empenhados na batalha dos Balcans.

Como poudes realizar-se com êxito esta tarefa exaustiva? Os exemplos da Noruega e de Dunquerque não evitaram a repetição das proezas que, em datas anteriores, fizeram malograr os planos do Estado Maior alemão. Na Noruega, porém, o comando das tropas alemãs estava preocupado com a campanha da primavera, no continente, que ia iniciar-se.

Em Dunquerque, essa preocupação era, porventura, maior, os restos do exército francês constituíam ainda um obstáculo que podia avolumar-se. A luta no interior do país vencido não terminara e não ha-

via, portanto, indicações precisas sôbre a possibilidade de continuar a resistência nas colónias.

Na Grécia, estas preocupações não existiam. Os efectivos postos em acção do lado alemão eram de tal maneira superiores em relação aqueles de que o adversário dispunha, que a resistência, embora heróica, teria de ser fatalmente curta. Além disso, os elementos mais velozes do dispositivo alemão manobram com inteira liberdade de movimentos. A massa de aviação disponível era enorme. Os paraquedistas desceram, rapidamente, no Peloponeso.

Assim, a acção de protecção da retaguarda tornou-se decisiva e foi conduzida heróicamente pelos "anzacs", e pelos ingleses. A aviação aliada, na proporção de um para quatro, bateu-se incansavelmente não consentindo que o adversário conquistasse o domínio do ar. A esquadra desempenhou, exemplarmente, a sua tarefa



Um destroyer inglês, no mar Egeu, protegendo um transporte de tropas



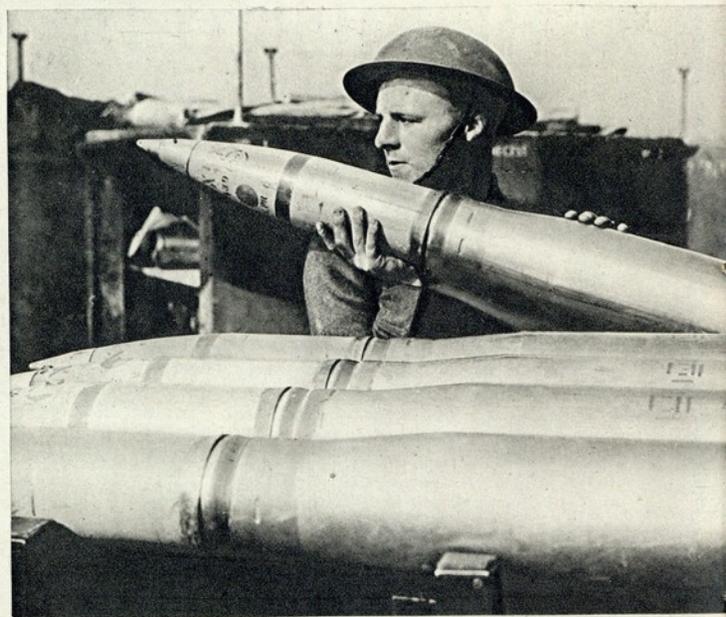
O famoso "Ark-Royal, em acção no Mediterrâneo. O último "Swordfish," abandona o porta-aviões

de protecção e as tripulações dos navios mercantes excederam, pela sua diligência, tódá a expectativa. As perdas totais cifram-se em doze mil homens, ou seja a quinta parte dos efectivos do corpo expedicionário desembarcado na Grécia, dois contra-torpedeiros e alguns transportes.

E' comentando estes números que o "Times" afirma: Não é o passado que nos interessa a não ser pelas lições que fornece. O que principalmente nos interessa é o futuro.

No Mar Egeu e no Egipto esperam-nos novas e mais importantes tarefas. Pensando nelas não podemos deixar de reconhecer, e de agradecer, a operação brilhante de salvamento que mantém à nossa disposição algumas dezenas de milhares de combatentes. A batalha continua. Temos a noção exacta das consequências que ela pode envolver. Animamos a confiança que resulta dos factos e, especialmente, daquele a que acabamos de assistir na Grécia. O comandante chefe das forças britânicas em operações, general Henry Willson, declarou, em ordem do dia, que o comportamento de todo o pessoal fôra esplêndido, tendo em consideração os ataques incessantes da aviação inimiga. E o almirante Cunningham, que, com tanto êxito, tem comandado as operações no Mediterrâneo, dirigiu uma mensagem às tripulações em que afirma: "Desejo testemunhar o meu aprêço e admiração pelo procedimento dos comandantes, oficiais e praças da marinha mercante e de guerra que colaboraram no transporte de forças durante as recentes operações de reembarque. A conduta de todos foi magnífica".

Estas expressões, partindo dum chefe com a experiência do Almirante Cunningham, dizem mais do que todos os relatos com que pretenda pôr-se em relêvo a acção heroica dos combatentes que cooperaram na campanha dos Balcanes e dos marinheiros que os salvaram e acompanharam.



Estas granadas anti-aéreas, de bom aço inglês, tem provado excelentemente



O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO, NO ALMOÇO QUE OFERECIU AO MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DA ARGENTINA, NO «PALACIO DA VILA», EM SINTRA, CONVERSA COM A SRA. EMBAIXATRIZ DE ESPANHA

(Foto de Diniz Salgado)

OS HOMENS DO FERRO



Logo de manhã começa a música bárbara do ferro. Um perfurador automático trabalhando

ALCÂNTARA — oito horas. As sireias das fábricas soaram agora mesmo. Homens de todas as idades, rostos tismados, acostumados às mais duras tarefas, vão enfrentar as forjas e as bigornas. Das chaminés avermelhadas saem rolos de fumo e, ao longo do cais, o movimento intensifica-se num ritmo acelerado. Lá longe, barquitos e navios sulcam as águas mansas do Tejo.

Alcântara-mar e Alcântara-terra confundem-se no mesmo ambiente de trabalho e de alegria.

Aqui, a doca onde centenas de operários reparam os navios; acolá, os armazens frigoríficos; mais além, nas oficinas metalúrgicas, homens de braços rijos e mãos calosas, faces enfarruscadas pelo carvão e tostadas pelo calor das forjas, trabalham o ferro e o aço com energia.

Ninguém sente desânimo ou cansaço:

malham na bigorna, cuidam da forja, cravam rebites, cortam chapas, erguem vigas, conduzem rodas, arrastam colunas, puxam cabos, torneiam metais, concertam caldeiras, reparam dinamos, soldam fios, montam máquinas, desarmam motores.

Passo por vias estreitas, piso ferros, salto por cima de vigas, avisto montanhas de sucata, atravesso oficinas.

— Eh! meu senhor, não se aproxime muito, que pode enfarruscar o fato! — observa-me um operário de olhar vivo, ombros largos e cabelos grisalhos.

Todas as oficinas têm forjas. Numa delas conto nada menos de seis, todas acesas, a aquecer ao rubro o ferro, que batido nas bigornas por mãos hábeis e vigorosas é como o barro que se amolda sob os dedos do escultor. Desde o aprendiz até o mestre, todos amam o ferro como uma pessoa querida. E' o seu pão,



O mais pequeno aprendiz da oficina. As primeiras lições são muito simples: abrir furos numa viga

o seu futuro, o seu sonho. Sentem-no bem junto ao peito, pegam-lhe como quem pega num filho querido, amimam-no, transportam-no com alegria, fazem dele quanto querem. As barras são pesadas? Não importa: as forças duplicam-se. Amanhã serão mais leves. Mas não pode passar sem o ferro porque nele reside toda a sua existência e a do Mundo.

E o Mundo mecanizou-se, arrastado na corrida vertiginosa do progresso. Domínio irremediável da máquina. As ciências experimentais, e especialmente a física, apresentam-se sob novos aspectos, criando novas fontes de investigação: aquela que busca tudo quanto é susceptível de facilitar os processos de trabalho do homem e a que constitui o domínio da especulação. Quere dizer: ciência que se industrializa e ciência pura. Os caminhos são paralelos mas, como tal, encontram-se só no infinito. É a mecânica de Newton e a de Einstein lado a lado, sem possibilidade de contacto. A primeira materializou-se. É ferro e é máquina. A segunda permanece imponderável na sua imaterialidade matemática. Procuram-se

mas não se encontram. Separam-nas três séculos. Newton vive no presente, actualizado nos estiradores dos engenheiros; Einstein vive no futuro, confundido no domínio inatingível dos infinitamente pequenos. O Universo num átomo e o átomo no Universo.

Um afasta-se e o outro fica. O que fica é a máquina em luta com o tempo e com o infinito — o homem-máquina, o homem integrado na matéria dominando-a. Quando os segredos do quente e do frio se desvendaram e Carnot surgiu para construir o edifício da Termodinâmica, começou a luta. Da física dos fluidos submetidos ao calor e ao frio, dilatando-se e contraindo-se, nasceu o primeiro motor. Com ele, a legião dos homens de ferro. As alavancas automatizaram-se na complexidade labiríntica de pequeninas peças que se movem sob o choque brutal de milhares de moléculas gasosas que se repelem. É a máquina a vapor que aparece; depois a motor de explosão. O comboio, o automóvel, o transatlântico e o aeroplano — a conquista da velocidade e da distância. Venceu-se

os continentes e os oceanos; domina-se o espaço. Encurtam-se os caminhos entre os homens — os homens que se amam menos, apesar-de tudo. A máquina enlouqueceu-os. A vida é menos longa, mas mais vibrante, mais intensa — porque é mais material e mais mecânica.

• • •

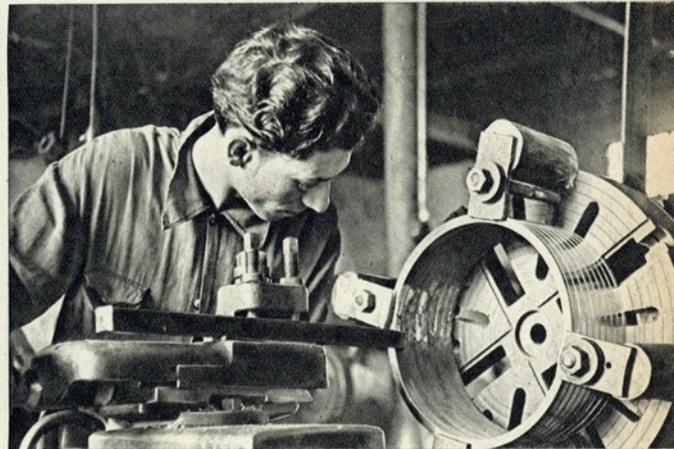
Meio-dia. Apitos estridentes anunciam a paralização do trabalho. Das oficinas e das fábricas a legião sai, apressada. Vem alegre, serena, satisfeita da labuta da manhã. Todos avançam, animados e resolutos, movidos pela mesma mola, cheios da mesma ânsia: viver! Alguns correm. Vão conquistar o melhor lugar à mesa da casa de pasto mais próxima. Saborearão assim mais satisfeitos a magra refeição que trouxeram de casa. Outros vão unir-se às companheiras que os esperam perto e com eles comem do mesmo pão e bebem do mesmo vinho.

E' assim Alcântara: grande no trabalho, formidável no esforço que realiza pelo progresso e economia da Nação.

FAUSTO GONÇALVES



O ferro dominado pela mecânica, reveste-se de todas as formas. Do tórno vai sair a alma duma máquina.



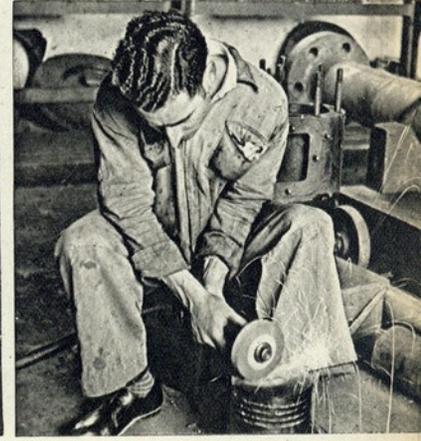
Uma anilha admiravelmente trabalhada, que o «ferro» do cabeçote vai desbastando



O maçarico oxí-acetilénico corta um grosso tubo de ferro



O aço em brasa sai da forja agarrado pelas tenazes vigorosas do operário



A roda de esmeril, a 500 rotações por minuto, abre um sulco num êmbolo



Uma paisagem da «merry England» que Constable se esqueceu de pintar

PAISAGENS DE INGLATERRA

O terrível nevoeiro do inverno inglês — o indiscreto *fog* que através das janelas mais cerradas encontra maneira de insinuar-se e penetrar — oferece também ao país dos bosques e dos prados, compensações magníficas.

Se as múltiplas gótas do seu denso orvalho vestem as grandes metrópoles da negra exalação de milhares de chaminés fumegantes — que limpida frescura delas cai e dimana sobre os relvados e os vergeis, sobre as florestas e as searas da poética Britânia! O verão escalda, o sol abraza, o ar despede chamas de fornalha candente. E nem então as frondes perdem o verniz moço a pulido, nem as pétalas de veludo e cera desfalecem emurhecem queimadas, nem as vastas campinas sofrem a modorra tórrida dos melos-dias acabrunhantes. Tudo é vida, alegria, juventude, vigor, amorável doçura de perspectivas e horizontes. Quando o outono chega e as aves fogem, o vento gélido não crispa um solo ardendo no apêlo sequioso da chuva, mas desfolha ainda uma primavera que não morreu, mesmo durante as rudes horas do violento e faúlhante calor.

As janelas dos pequenos *cottages* sorriem, emolduradas no abraço festivo das trepadeiras. Os jardinzinhos calmos debruçam-se sobre as sebes afáveis para os atalhos e estradas de liso caminhar. Além, a Igreja antiga perfila-se entre arvoredos de hierático porte. E, sempre acolhedora, macia e insistente, a bruma ténue envolve e embala as casas, os pomares, as claras planícies de herva tenra — harmonizando os tons, suavizando as linhas, vertendo não sei que bálsamo de paz e de íntimo conforto na paisagem de líquidos, de translúcidos longes. O céu, ao poente, ganha matizes de pérola e de oiro, como, de-certo, os contemplamos nesse momento preciso, a diadema a espuma inquieta do Atlântico próximo, que esparge e rola as suas largas ondas pelos imensos litorais da Ilha gloriosa.

Clima de alto mar, o clima da terra de Nelson, por mais que se viaje no interior dos seus vales e planícies. Nunca a presença do Oceano all esquece ou nos abandona, trazida, transportada no remigio pairante das asas incoercíveis e silenciosas da névoa. O aldeão que nos saúda, ao entrarmos num singelo burgo aninhado em recanto de humilde e característico bucolismo, anda com essa presença perene a brilhar-lhe nos olhos de nostálgica e fremente candura, nesses olhos quasi só habituados à visão e ao convívio de sementeiras e de messes.

O mar rege e comanda, na verdade, a paisagem, e a alma da Inglaterra. E se os eflúvios, se o hálito incitante do mar a uma dão a carícia enleadora da sua primavera e do seu estio sem aridez — a outra ensinam o anseio de superar-se e transcender-se, com novas e fecundas primaveras de sonho, de energia e de vitória.

PEDRO DA GÂNDARA



Apesar dos bombardeamentos, os lavradores do condado de Kent continuam a sua vida normal



CONQUISTADA KEREN. UM OFICIAL INGLÊS EXEMPLIFICA AS OPERAÇÕES



AS BAIONETAS DO EXÉRCITO DA ÍNDIA ENTRAM EM MASSUÁ



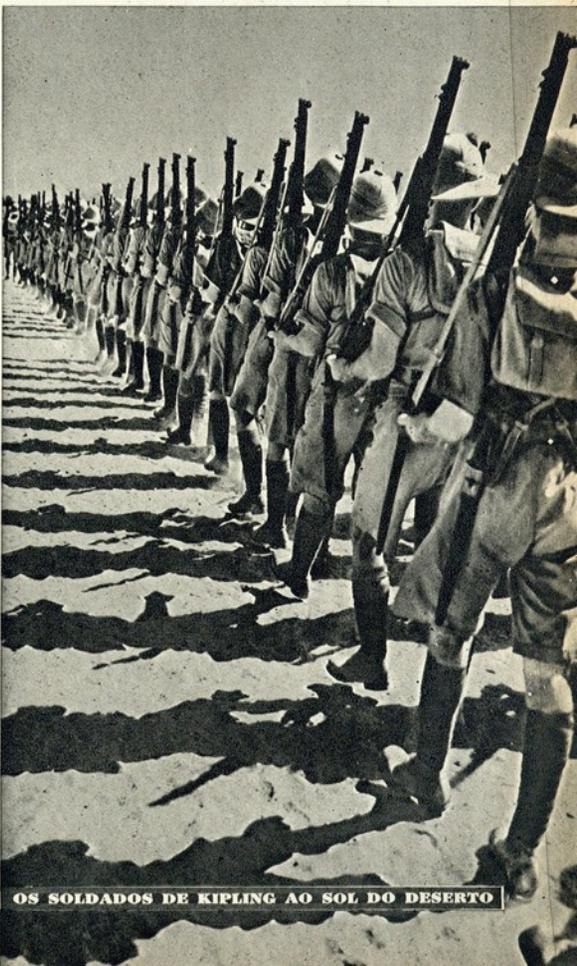
UM NEGRO DO NIASSA EXPERIMENTA A SUA "PARÇA"



O EXÉRCITO IMPERIAL A CAMINHO DA CAPITAL DA ERITREIA



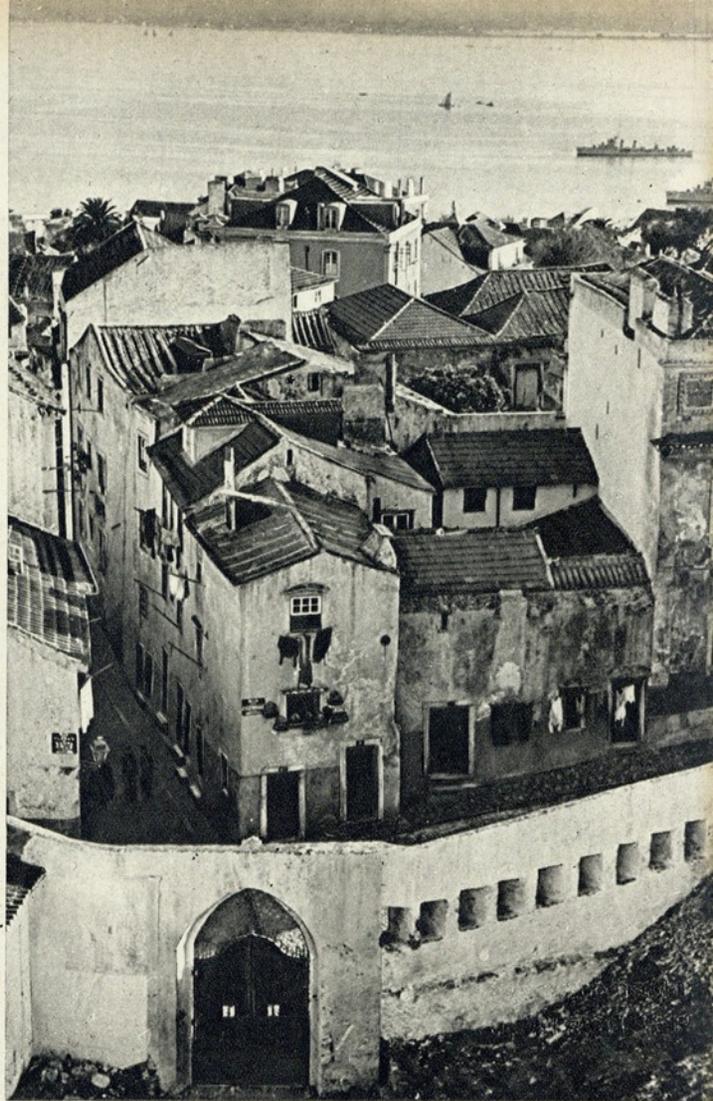
ASMARA ENTREGA-SE ÀS FORÇAS INDIANAS



OS SOLDADOS DE KIPLING AO SOL DO DESERTO



O rio maravilhoso, visto do Castelo de S. Jorge, enquadrado por um arco da velha aldeçova



Ao longe, o Tejo, com as suas águas tranqüilas, vendo-se no primeiro plano o casario de Alfama.

Qual o sítio mais bonito de Lisboa?

Responde Afonso Lopes Vieira

Não é o largo de D. Rosa, velha aguarela da Mouraria, onde o sol tem um dos seus mais luminosos terreiros, que Afonso Lopes Vieira elogia. E, no entanto, é ali que ele mora, numa casa solarenga, que olha Lisboa dos interstícios verdes das suas gelosias, vendo despenhar-se, em frente, o casario tumultuoso e arbitrário. O poeta do mar, neto de Camões, exalta o Tejo. Um Tejo de glória e de paixão, que fez Portugal grande, o levou à Índia, ao Brasil, e com ele deu volta ao mundo, no convez das caravelas, em cujas enxarcias perolavam ainda, como lágrimas, lá muito longe, algumas gotas de água do rio tutelar. Afonso Lopes Vieira é o poeta da distância, dos arquipélagos de bruma, dos mares dos sargaços, das praias de mistério e das conchas nacaradas, onde o vozear do vento tem suplícios de naufrágio. Na sua casa de São Pedro de Muel, onde o épico, coroado de rosas e de espinhos, parece regressar da morte e da epopéia, há sempre uma luz decaissando a noite, o Oceano, o infinito, imóvel na ressaca do mundo e tão

alta, que parece uma estréla. E' o lusitanismo do poeta, entre livros de versos, novelas de cavalaria e poemas do Atlântico.

Lisboa é para ele o outono, tocado de oiro, com o espirito do Chitado e a tábua redonda dos seus amigos. Tardes deliciosas de feerle, com horizontes pintados a laca e a oiro, que o inverno logo enche de cinzas e de rispidas nortadas. Então, nesses dias mais tristes de beleza, Afonso Lopes Vieira procura o Tejo, no seu mirante da Mouraria, e vê, de novo, partir ovantes, enfunadas de glória, tagides de galbo esquilo, as velhas caravelas das descobertas. Portugal, em cada manhã de bruma, faz-se de novo ao mar. O poeta diz:

Um dia, cansado das frontarias, vadiel na serra de Monsanto. (Baudelaire disse que em Lisboa, le peuple y a une telle haine du végétal qu'il arrache tous les arbres...) E nessa tarde descobri o sítio mais bonito para vêr Lisboa.

Escrevi então algumas linhas que não envelhecaram para o meu gosto. «Sem este rio, cuja foz era no Indico, ¿que teríamos sido mais que uma espécie de suíços vindimadores e cabreiros? ¿Que teria sido a nossa linguagem senão dialecto pobre de pastores, um romeno do Ocidente?» Em suma, os sítios de Lisboa são para mim aqueles donde melhor se vê o Tejo, os poleiros aéreos onde as nossas almas respiram, se embriagam e desinfectam no horizonte. Daquele ponto da serra, «sentado nas ervas do chão, eu contemplava Lisboa como ela devia ser, e quasi pensava: — Mas que soberbo rio é aquele que eu nunca vi?

*Zimbórios ebúrneos, campanis de renda,
longes e aténs de espuma e azul,
— ¿ que país é este de tilds e lenda
onde plange a minha alma éxul?*



John McKnight, correspondente da Associated Press, que já andou na Guerra de Espanha, observa agora, de Lisboa, a conflagração europeia

JORNALISTAS ESTRANGEIROS

CORRESPONDENTES DE GUERRA

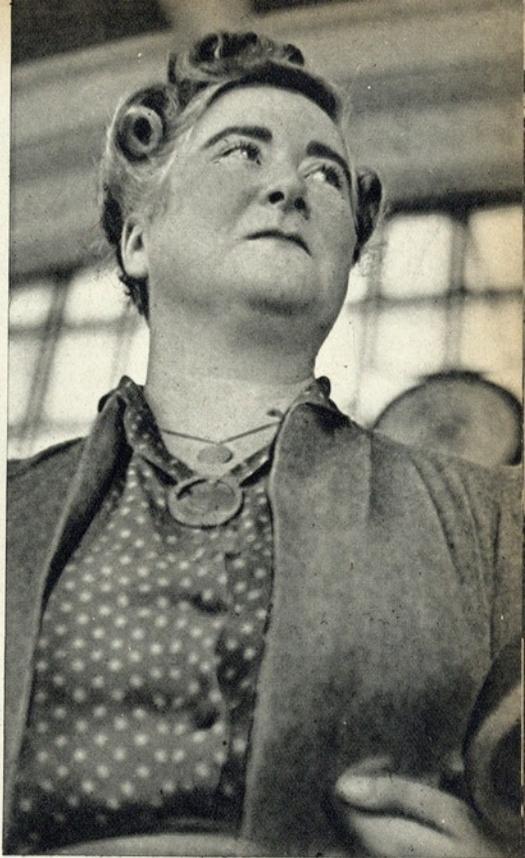
FRIZOS de crianças loiras e inquietas vão a caminho do novo mundo com o aspecto da guerra a sobressaltar-lhes infantis sonhos. Reis sem trono partem a caminho do exílio sonhando uma Esperança ou analisando «erros» da ciência incerta da governação dos povos. Grandes financeiros «yankees», com interesses na Europa ensanguentada e políticos e militares com projectos a bailarem-lhe nos olhos e com planos traçados no papel, descem em Cabo Ruivo para a peregrinação das conversações, para a complicada róta dos arranjos de interesses, onde naufragam realidades e ilusões, acêrtos e desacêrtos...

Lisboa por aquela nesga de Cabo Ruivo tornou-se a grande sala de entrevistas sensacionais. É certo que os políticos teimam em falar aos jornalistas de flores e de caçadas, os militares em literatura e os industriais em música ou em teatro. Mas se outra fôsse a atitude dos políticos, dos militares e dos grandes homens da finança, não me dirão o que fariam em Lisboa miss Shircklief e miss Hird, e Campbell, e Unir, Murphy, Buchley, Scott, Brown, McKnight e More, fina flôr de reportagem dos grandes diários londrinos e norte americanos? A «técnica» dos entrevistados opõe-se a «técnica» dos entrevistadores, que só eles sabem porquê, teimam em falar com os políticos em política, com os militares em guerra e com os industriais em «tanks», tractores, espingardas, navios... Desses dois processos de olhar a realidade nasce quasi sempre uma coisa cheia de lógica chamada entrevista.

Estão aí todos os «ases» da reportagem, confirmando o aforismo de que «onde se encontra a notícia, está sempre o jornalista». Passeiam nos Estoris, sobem e descem despreocupadamente o Chiado, frequentam os «bars» e os nossos cafés, familiarizando-se com a vida «alfacinha». Já falam mesmo alguma coisa de português. Assim Deus os auxiliasse na concordância dos pronomes! Gente dada, sem bizarras excentricidades ou simpatias suspeitas. Sôbria em tudo. Calmos perante a notícia; com uma serenidade compenetrada e grave sabem o que preguntam e avaliam a resposta. Têm como o comum dos mortais as suas superstições. A prosa será para uns mórna ao primeiro café, máscula ao segundo, fãscante depois do terceiro. Irisada e dispersa como o fumo de um «brut doré», solene como um «navy cut» queimado num D. G. B. uma gravata de pintinhas é a mascote de um homem que arriscou a vida sob escombros para que aos leitores do seu jornal chegasse «viva» a notícia. A superstição de ouro de Toledo faz rir aquele, que tem um isqueiro de ouro de autêntica manufatura toledana e uma saúde de ferro e uma sorte com as entrevistas de se lhes tirar o chapéu! Mas tudo isso são ninharias... O que importa é lançar os dados frente a frente do adversário e rir e saber rir.

E estes americanos e ingleses têm o segrêdo de que o maior partido que a vida concedeu ao homem foi o sorriso perante a adversidade profissional.

Fernando Calixto



Miss Shircklief, jornalista internacional de nomeada, cuja visão arguta é das mais seguras em assuntos internacionats



Murphy, da Reuter, que volta agora para Londres deixando as melhores recordações entre os seus colegas portugueses



A RAINHA ELIZABETH SAUDA OS CANADIANOS



ESTE DESTROYER AFUNDOU DOIS SUBMARINOS ALEMÃES



A VOZ DO IMPÉRIO RESPONDE SOBRE A MANCHA



DESTROÇOS DE UM CAÇA ALEMÃO



CHECOS COM UM 75 FRANCÊS DA ESCÓSSIA



NINGUEM PASSA. DOIS 'ALEMÃES' SÃO CAPTURADOS



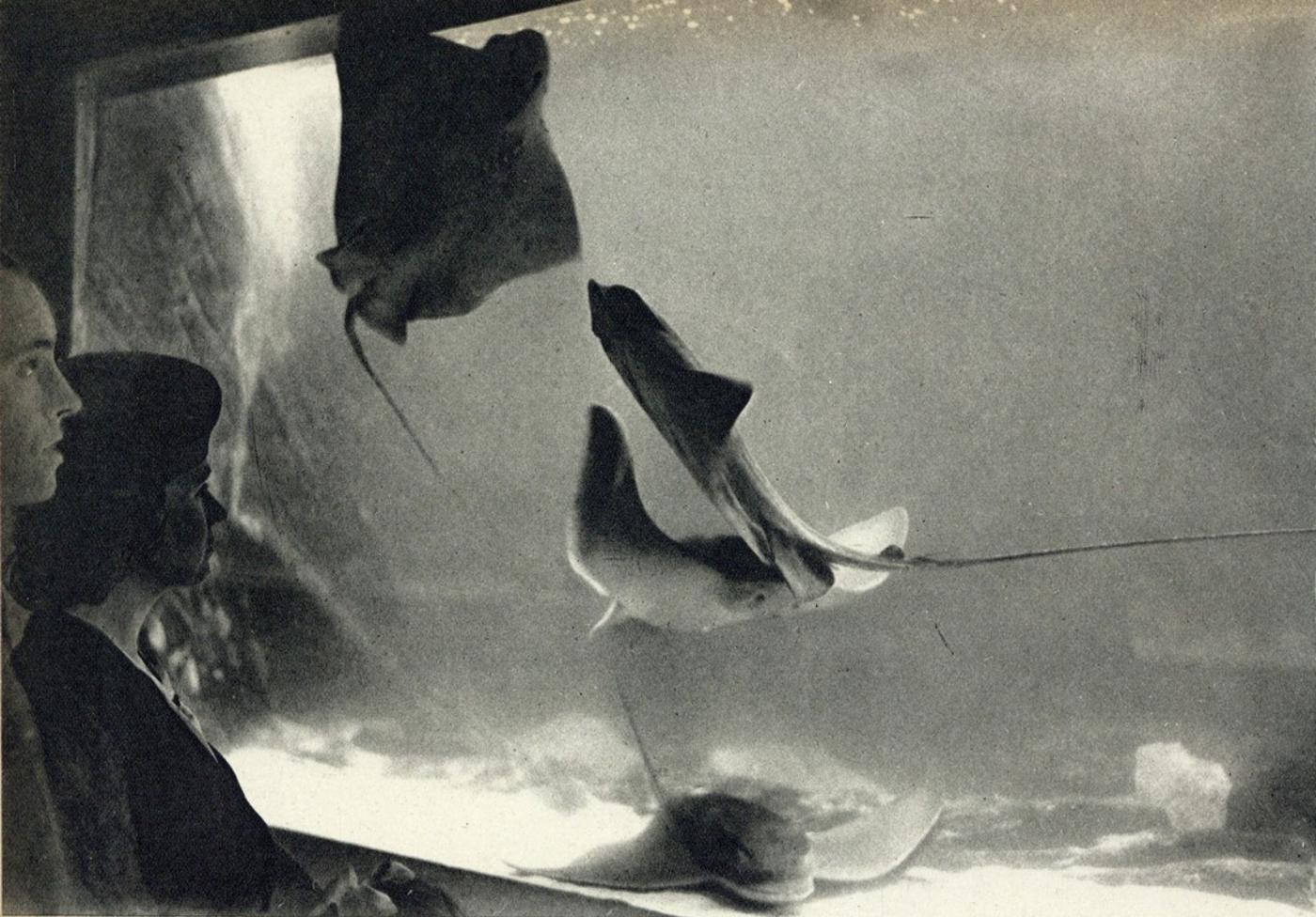
MILHÕES DE SOLDADOS GUARDAM A GRAN-BRETANHA



UM ANTI-AÉREO INGLÊS DE ÚLTIMO MODELO



EM DOVER A "HOME GUARDS" ESPERA O INIMIGO



No Aquário Vasco da Gama. Uma visão real da vida submarina

A vida dos peixes

Os chamados museus dos seres vivos deslumbram as multidões com a visão fantástica dos grandes mistérios da Natureza. São pequenos mundos que os olhos abarcam num relance e nos revelam, até aos ínfimos pormenores, o drama da evolução e da transformação dos seres animados, com as suas paixões terríveis, os seus desejos cruéis e apetites insaciáveis, legiões que crescem destinadas ao sacrifício, existências frágeis que os mais fortes devoram, vidas escravizadas a um destino trágico, que mal se definem e logo se transformam para que surjam outras vidas, aptas a lutar e a vencer — a eterna batalha, a regra imutável da transformação permanente: "Toda a Natureza que é devorada; as presas que se mordem reciprocamente; os seres que tornam a entrar uns nos outros". É a representação ao natural da cena alegórica que, no palácio do Imperador da China, glorificava a morte como fonte da vida e factor de progresso: "o tubarão come o crocodilo, o crocodilo a serpente, a serpente a águia, a águia a andorinha, a andorinha a larva,,.

Estas fantásticas representações têm ambientes próprios, com cenários e paisagens adequadas, em expressões perturbadoras que vão do deslumbrante e patético ao monstruoso e repelente. E a multidão de seres que vive, luta e sofre para subsistir e perpetuar a espécie adapta-se na forma, nos hábitos nas expressões exteriores, nos próprios movimentos e passa por sucessivas modificações, mercê das quais se defende dos inimigos e ataca as vítimas, por sua vez. Os próprios elementos fornecem-lhes os meios que operam a metamorfose.

Assim, diante de um tanque do museu oceanográfico, pode-se ver como as diversas espécies da fauna marítima apresentam formas distintas e, sobretudo, impressionam pelos coloridos estravagantes que lhes revestem os corpos, conforme a região que povoam e as profundidades onde vivem.

O Aquário Vasco da Gama é um desses pequenos mundos de sonho, onde se patenteam as fantasias do mar.



Os olhos da pequenita seguem com curiosidade as evoluções duma moreia.



Uma rua do Cairo com uma das mais curiosas mesquitas da cidade



À sombra da Esfinge



Nestes hierogifos conta-se a história de um poderoso Faraó

O Egipto e o Canal de Suez

O Egipto, edificado nas margens do Nilo, foi, em remotas eras, o maior império do mundo, o mais directo ascendente do mundo civilizado.

Sesóstris, pobre mercador, filho do pastor Massab, ambicioso, atrevido, collocando-se à frente dum bando de aventureiros, assaltou, na Alexandria, o palácio real, degolou o rei e sentou-se no trôno, com o nome de Faraó, que quer dizer crocodilo. Desta forma, surgiu no mundo a tão famosa dinastia dos Faraós, que construiu, em séculos de glória, um império grandioso, sobre o qual os Césares se lançaram à conquista, até que Marco António conseguiu instalar-se ali, como senhor, depois de destroçar e vencer as legiões de Cleópatra, formosíssima mulher que acabou por submeter-lo à sua beleza.

Lá esteve Napoleão, em 1798 e 1799, sendo, da segunda vez, estrondosamente derrotado pelo célebre almirante inglês Nelson, num soberbo golpe de audácia que é, ainda hoje, o lema sagrado da honra da Marinha de Guerra inglesa.

O famoso campo de pirâmides, que cerca o Egipto, formidável monumento, constituído por 180 blocos imensos e que, estendendo-se de Abu Roache a Meydum e a Fayum, tem sido objecto de aturados estudos dos mais sábios arqueólogos do Mundo, anceiosos por devarar o que, além dos maravilhosos túmulos dos Faraós, tão cheios de segredos e de lendas terríficas, se oculta dentro delas, mantém-se ali, soberbo, giganteo, altaneiro, a afirmar a milhares de gerações a grandeza magestosa daquele império de sonho e de beleza.

São essas pirâmides o limite dum imenso deserto, que bem pode classificar-se de oceano arenoso, onde, em todos os tempos, sosobraram, engulidas por turbilhões de tempestuosas e implacáveis areias, milhares e milhares de caravanas e até exércitos que nelas se aventuraram. Tão perigosa se reconheceu ser a travessia desse solo movediço e traiçoeiro que chegou a considerar-se, mais que temeridade, verdadeira loucura, expôr grossas colunas de tropa a atravessá-lo e só um milagre da engenharia norte-americana conseguiu vencer esses perigos, construindo, recentemente, «stanks», camiões e automóveis de todo o género, especialmente adaptados a percorrer aquêle deserto, com inteira segurança, permitindo a um exército de muitas centenas de milhar de homens, comandadas pelo general Wavell, atravessá-lo em todas as direcções, conforme convinha às necessidades da guerra travada naquelas inóspitas e ardentíssimas plagas.

Há, no Egipto, a despertar a cubiça de muitas nações, o canal de Suez que, partindo de Port-Saïd, no Mediterrâneo, vai até o Mar Vermelho, estabelecendo uma rápida comunicação entre os dois mares, de forma a reduzir a metade o trajecto da Europa para a Índia.

Esta obra soberba e grandiosa, que constituiu uma premente aspiração do nosso Afonso de Albuquerque, tem o comprimento de 160 quilómetros, variando a largura de 58 a 100 metros ao nível de água e sendo, no fundo, de 22 metros. A profundidade média é de 8^m 30, mas chega a atingir 9 metros em alguns pontos.

Foi o Faraó Nachau, 600 anos antes de Cristo, quem primeiro empreendeu a abertura desta via navegável, que foi continuada, mais tarde, por Dário e concluída por Plotomeu II. Obstruído pouco depois, foi o canal restabelecido pelo imperador Adriano e, tempos passados, no ano 640 da nossa Era, pelo conquistador árabe Amru, voltando a ser obstruído no século VIII. No século XVI, o projecto foi retomado pelos venezianos, e, depois, por Napoleão, quando da sua expedição ao Egipto.

No ano de 1846, houve um francês, Enfantin, que, com alguns sansimonianos, se votou ao estudo do assunto, sem conseguir solucioná-lo, sendo, por fim, um outro francês, Fernando de Lesseps, quem, auxiliado por capitalistas ingleses, teve a glória de levar a cabo a sua magnífica construção, que durou dez anos a fazer, desde 1859 a 17 de Novembro de 1869, data em que foi solenemente inaugurado.

Fez Fernando de Lesseps uma obra-prima de engenharia e arquitectura, que, passado quasi um século e apesar dos quasi fantásticos progressos da ciência em tão vasto período, se mantém orgulhosamente a unir as águas do Mar Vermelho às do Mediterrâneo, como querer cingir, num estreito abraço, o Oriente ao Occidente, através das facilidades de comunicação que, em épocas normais de paz, lhes concede.

S. Saboya

FIGURAS E FACTOS



O sr. dr. Oliveira Salazar passa revista ao contingente militar que seguiu para Cabo Verde



O sr. Presidente da República, tendo à sua direita o sr. Guinazu, que lhe foi apresentar cumprimentos, e à esquerda o sr. Perez Quezada, ministro da Argentina em Lisboa



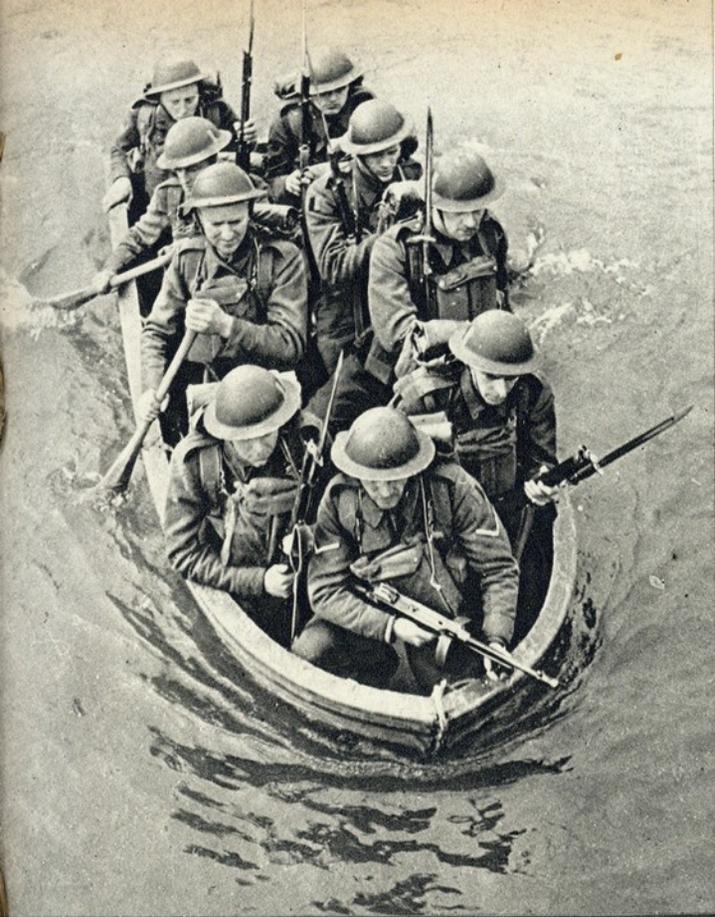
O sr. general Carmona, rodeado da vereação de Lisboa, recebe nos Paços do Concelho, a medalha da cidade



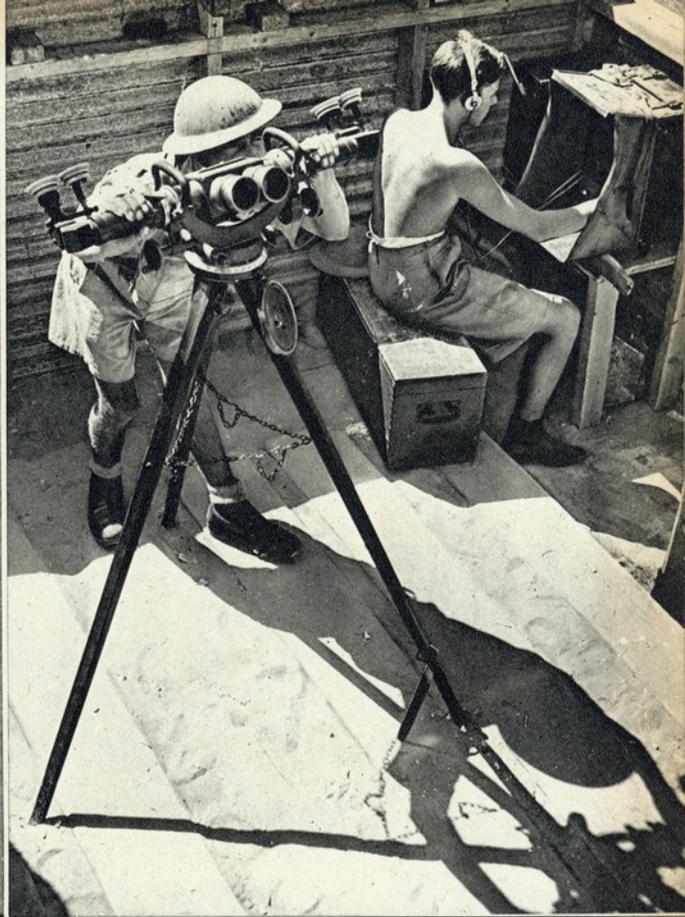
O sr. dr. Armindo Monteiro, embaixador de Portugal em Londres que se encontra actualmente em Lisboa, com sua esposa



A grande procissão de Fátima. Uma «promessa» comovente



INFANTARIA DE ASSALTO INGLÊSA



VIGIANDO O CEU NA PALESTINA



ANTI-AÉREA DUM DESTROYER INGLÊS



AVIÃO QUE VAI DEITAR CHÁ NA HOLANDA



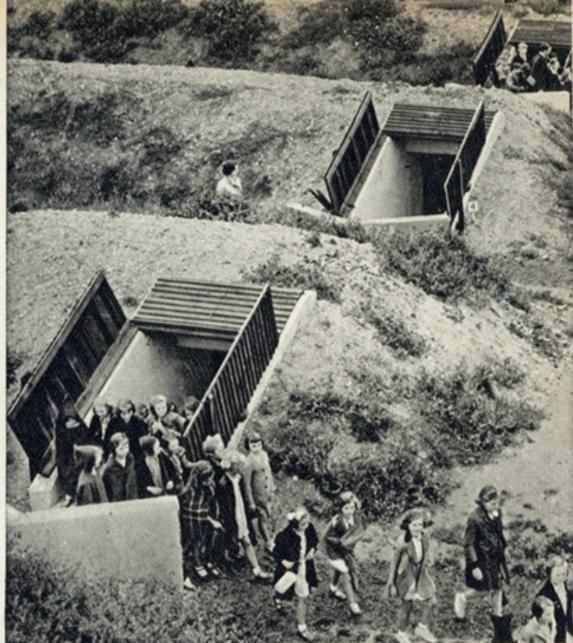
Uma manhã em Londres. Apesar da guerra, todos entram pontualmente nos seus empregos



O tráfico nas estações ferroviárias faz-se como de costume. Os viajantes são numerosos



Os metropolitanos funcionam normalmente e são dos melhores abrigos para a população. As mulheres, tranqüilamente, conversam e fazem malhas para os soldados



Um curioso abrigo para crianças, que parece a fachada



rebatida de um prédio, num arrabalde de Londres

LONDRES, A CIDADE HEROICA

DOUHET foi, não duvidamos, o mais audacioso doutrinário da guerra moderna. Viu, de longe, as características fundamentais de futuros conflitos e defendeu, por todos os meios, as teorias que viriam a dar aos conjuntos armados das nações preparados para a luta uma nova estrutura. Mas foi demasiado longe, porque baseou toda a sua obra mais na fantasia do que na análise cientificamente ponderada das possibilidades da época e da necessária evolução da técnica. Sobre tudo, foi um péssimo psicólogo. Mediu o carácter de todos os povos pela mesma bitola — a bitola com que mediu o seu próprio povo. E errou — errou desastrosamente. Quando defendia, em altos brados, a necessidade de abstrair de todo o sentido de humanidade na guerra, dando às populações civis um papel de particular valor na sorte das hostilidades, não soube apreciar — como era indispensável — a resistência moral e o espírito de sacrifício de que cada povo poderia revestir-se ao ver-se envolvido, irremediavelmente, sem possibilidade de reacção, pela metralha dos aviões inimigos. Esqueceu-se, ainda — cego pelo entusiasmo das ideias que tão calorosamente expunha — que o espírito de disciplina não é possível quando imposto, mas resulta, simplesmente, do próprio carácter e da educação milenária desse mesmo povo. Não ponderou, finalmente, todos os factores de ordem sentimental e, sobretudo na capacidade organizadora tendente a eliminar qualquer possibilidade de fraqueza.

Quando falou em «domínio do ar» abstraiu de que ele só poderia admitir-se entre nações em circunstâncias de evidente desigualdade de recursos. De resto, o «domínio» transformar-se-ia sempre em equilíbrio, mais ou menos estável. Esse

equilíbrio pode, de facto, destruir-se pelo desgasto de um dos adversários.

Tem sido esta uma das principais lições da Gran-Bretanha nesta guerra. A sua aviação, em que raramente se falava, há tão poucos anos, impõe-se aos olhos do mundo estupefacto pelo valor das suas máquinas e dos seus homens, enfrentando, sem uma fraqueza, com inegalável energia, o adversário. E, quando o inimigo julgava que seria capaz, com os seus aeroplanos, de abater o moral do povo inglês, ele ergue-se cada vez mais à altura das suas gloriosas tradições.

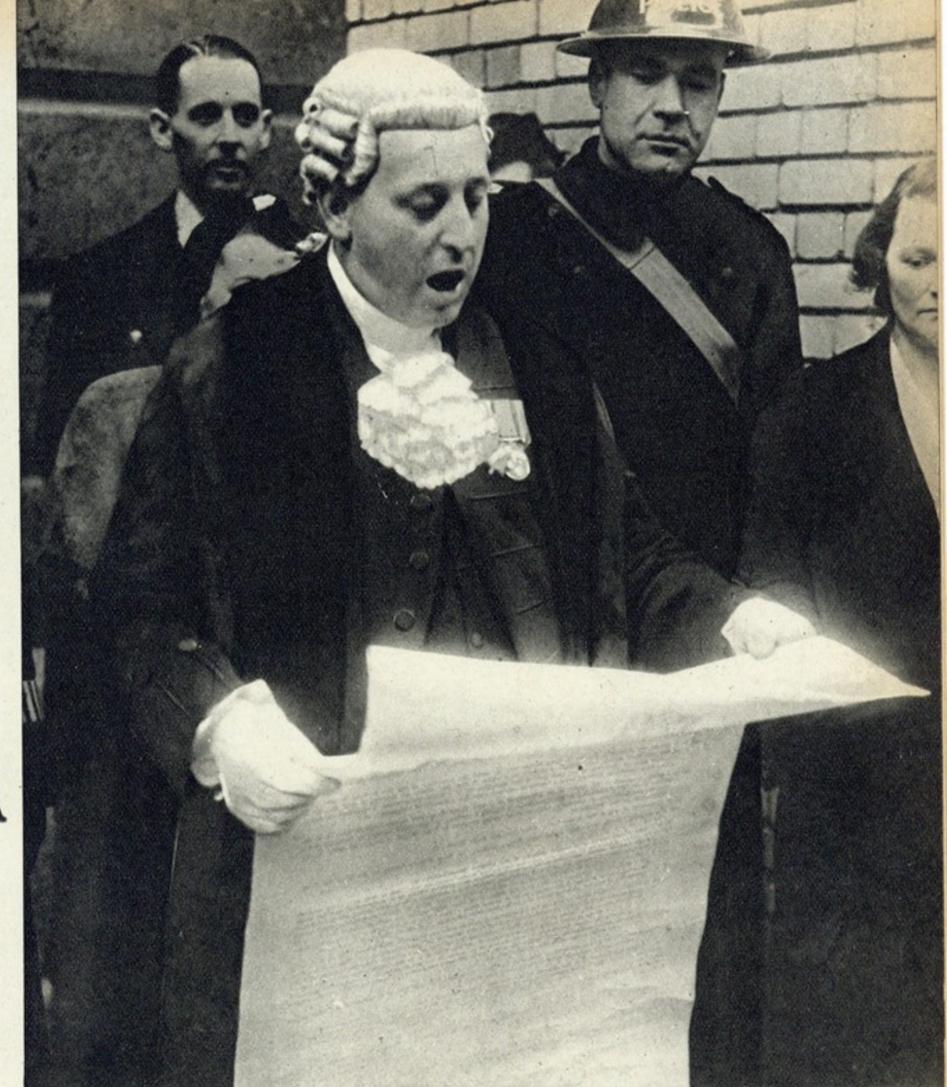
Faliu a doutrina de Douhet. A Gran-Bretanha demonstrou-o com o poder da sua extraordinária organização económica e industrial. Mas, foi o povo — o heróico povo inglês — sobretudo, que melhor evidenciou quantas utopias revestiam muitos dos conceitos do visionário.

Londres não é uma cidade esmagada sob o peso constante das ameaças que se sucedem umas após outras. É uma cidade que vive, uma cidade que sorri com uma confiança indestrutível. A cada golpe do adversário o povo de Londres responde com a sua disciplina e o seu optimismo. Todos conhecem, nos mínimos pormenores, a missão que têm a desempenhar. Enchem-se os abrigos, onde emudece o ruído infernal dos projecteis que rebentam e o martelar das metralhadoras dos aviões que lutam lá em cima.

Mas as ruas não ficam desertas. Há homens e mulheres que velam por outros homens e outras mulheres. Os soldados heróicos da defesa passiva cumprem o seu dever expondo-se a todos os perigos.

E, quando o alarme cessa, a cidade retoma o ritmo normal, esquecida da própria guerra. Londres sorri ainda.

W. GILBERT



O arauto da City lê a proclamação real convocando os homens às armas



Os ingleses são práticos. Eis um serviço de informação de comboios suburbanos improvisado numa das ruas londrinas



COMO SE VESTE UMA MULHER...

TODO o dia, desenxovalhado de luz e perfumada de Primavera, lhe passou despercebido.

Poderia ter-se acastelado no céu o negrume de tôdas névuns, mananciais — e haver desabado sobre a terra o estralejar do maior granizo...

Ela — não o notaria, tal como não viu o sol nem sorveu a essência esparsa, em Maio, no ar.

Não foi um desgosto, o que a absorveu e alheou. Não. Nem há desgosto feminino que dure, assim, doze horas obsediantes... (Lucienne Boyer, pelo menos, afirmava-o quasi, na valsa «C'est un chagrin de Femme!» E a suave francesinha, hoje tão doente, entendia bem destas subtilidades do coração).

Não foi também um livro: nunca se escrevem páginas capazes dum hipnotismo tão exclusivista, total.

Não entraram visitas que a beijocassem e retivessem. Ela dera ordens: «não estava em casa para ninguém!»

— «Para ninguém?!» — sublinhou a criadita, à espera duma excepção...

— «Para ninguém, absolutamente!» — sentenciou a resposta, ... E, portanto, não foi também *Ele* que também a distraiu de Tudo! Nem *Ele*, — nem outra lembrança.

Não houve orações, nem lágrimas, nem ataque de nervos. A melancolia — não a conhece; a saturação — só chega muito mais tarde.

Contudo, durante o grande e claro dia, não se ouviu cantar a Linda Mulher! O piano não estremeceu melodias. A luzita da «rádio» — não luziu...

Aí, todo o mistério da sua abulia e da sua reclusão se ilumina e explica.

Escancaradas e transbordantes, as gavetas da «coiffeuse», o guarda-vestidos, a mala — «necessaire», o estôjo das unhas e o cofresito das joias; abertos e resplendentes boiões de crêmes, garrafas de Colônia e frascos da Guerlain; no mixto agradável de acetona e lilaz — vindo dos perfumes e vernizes, — de tangerina e cravo, vindo do seu corpo e dos seus cabelos; no arco-fria de tôdas as roupas íntimas, cujos reflexos tingem todos os espelhos nos mais pagãos dos vitrais; no labirinto perdido daqueles tantos sapatinhos de «Cendrillon» entre os quais o seu gosto hesita, — há duas Chaves para o Enigma!

— Uma caixa pouco alta, pouco longa e muito comprida, envolta ainda de papel escamado de pratos, atado ainda por um «ruban» pérola, leitoso, — como um brinde de Fadas.

— E um cartão setíneo, côr de rosa, onde pode ler-se, impresso em caracteres elegantes, este convite: «Mr. et Madame... .. prient... .. de leur faire l'honneur de venir passer la soirée chel eux, le... .. à... heures».

Les dames sont priées de venir en mauves.
E, dentro da caixa, uma relíquia: o vestido «mauve», chegado a tempo, do grande costureiro do Chiado).

Porque — parece impossível! — entre tantos, Ela não tinha nenhum vestido «mauve»!...

Passa muito da hora fixada no cartão.
... Mas ei-la, enfim, pronta, capitosa e olímpica, a «Mulher-Que-Se-Vestiu», para ir ser, no baile, — Champagne e Violino, Fragrância e Vertigem. Sêda e Tentação!

Tudo quanto ficou no quarto, ao desamparo, sofre de ciúme...

Rodrigo de Mello



(Fotografias de J. Lobo)



O GENERAL SMUTS, PRIMEIRO MINISTRO E COMANDANTE DAS TROPAS DA UNIÃO SUL-AFRICANA

Página Feminina

de AURORA JARDIM

ACREDITA EM SONHOS?

Nem eu, mas enfim, em alguma coisa a gente há-de passar o tempo, não é?

Ora aqui tem algumas definições.

Sonhar com :

Horas — significa que terá algumas horas dolorosas, mas a sua bondade salvá-la-á.

Crianças — alegria, triunfo.

Ferro — amizade; **ferro em brasa** — tração, ciúme.

Telegrama — mandado: desgosto; **recebido**: mudança.

Sapatos — Partida, viagem.

Luvas — Visita agradável.

Grilo — Felicidade.

Alfinetes — Aborrecimento.

Sobrescrito — guarde melhor os segredos alheios.

Carteiro — cuidado, se quere que o seu amor se não desvende.

Idílio — rutura

Incêndio — *chamas claras*: alegria; *chamas negras*: tristeza.

A'gua — *limpa*: esperança; *negra*: mágoa; *estagnada*: perigo; *bebê-la*: paz.

Derrota — Vitória.

Entêrro — Notícias inesperadas.

Indecisão — Viagem por mar.

CULINÁRIA

Ementa de almoço

Ovos «aux fines herbes»
Pêto de vitela, recheado
«Poireaux» salteados
Amêndoas fingidas
Fruta

Ovos «aux fines herbes»

Para 4 pessoas

Batem-se oito ovos raridamente e temperam-se com sal e pimenta. Colocam-se numa frigideira com uma colher de manteiga e, em fogo brando, mexendo-se sem os deixar coalhar. Quando começarem a engrossar, vão-se misturando pouco a pouco 30 gramas de manteiga, uma colher de nata de leite e duas de queijo ralado. Logo que estão prontos, junta-se-lhes salsa e espinafres picados.

Serve-se guarnecendo com bocadinhos de pão frito em manteiga.

SINTOMAS INFALÍVEIS

para saber se está sempre nova ou se começa a envelhecer.

Está Velha

- Se pensa que o está.
- Se põe o mesmo vestido do ano passado, sem o transformar.
- Se diz: — No meu tempo...
- Se carrega muito nas tintas.
- Se educa os filhos à antiga, enchendo-os de camisolas e receando o *sport*, não os deixando ter personalidade nem falar à mesa.
- Se não sabe nadar.
- Se diz «espartilho» em vez de «cinta».



Sumptuoso vestido de baile

REQUISITOS DE ELEGÂNCIA

● O preto e branco está em grande voga. Por exemplo: *Tailleur* preto, chapéu de *bakou* preto com tufo de rosas brancas, indo uma para a botoeira, luvas brancas, sapatos pretos, véu branco, saca preta.

● Num saia-e-casaco de tarde, em *marocain* fica bem, a substituir as bandas, um fôlho de tule grosso, no mesmo tom. Vem da blusa, mas parece mesmo ser a gola do casaco.

● O chapéu muito inclinado para a frente fica melhor aos rostos magros do que às faces largas. E, o véu que vem dos dois lados da aba e cruza no pescoço, sob o queixo, afina o rosto. Atrás dá um laço pequeno. Assim como também o *breton* fica melhor ao segundo tipo.

● Um vestido de noite criado por Mainlocher: Tafetá preto, corpo justo sem alças; saia com muita roda, toda salpicada de raminhos de miosotes. Mas raminhos soltos, prêsos com linha preta. Na cabeça, grande laço de tafetá preto.

● As rendas prestam-se admiravelmente para arranjar vestidos, desde os circulos no sítios onde as mangas pegam, até às golas, punhos e petilhos. Para noiva, nada há mais vaporoso, aéreo e simbólico, não só em veu mas também no vestido, que deve ter amplidão e leveza, ao mesmo tempo.

● Começam a aparecer os chapéus grandes. Por enquanto, são os emornes *cano-tiers* que lembram os *mazantini*.

— Se afirma que já não há actores como antigamente.

— Se prefere ficar em casa a ir ao cinema — só para não ter que se vestir.

— Se tem a impressão de estar só.

— Se prefere o piano ao rádio e Soares de Passos a Fernanda de Castro.

Continua Nova

— Se gosta de se rodear de gente moça, entusiasmando-se com o que lhe agrada.

— Se conta em escudos e não em réis.

— Se não se importa por ter alguns cabelos brancos.

— Se acompanha a moda com bom humor e originalidade.

— Se, preferindo as joias boas, não desdenha das fantasias.

— Se é agradável com toda a gente.

— Se subir três andares sem se queixar.

— Se não fôr boateira.

— Se acompanhar, em tudo, as suas filhas e compreender os seus rapazes.

— Se não se curvar, mantendo-se direita com harmonia.

— Se preferir a actividade ao repouso.

— Se gostar das idéias novas.

— Se não fôr para si um problema mudar de penteado.

— Se pensar: — Que hei-de fazer para ajudar os outros?

— Se fôr optimista.

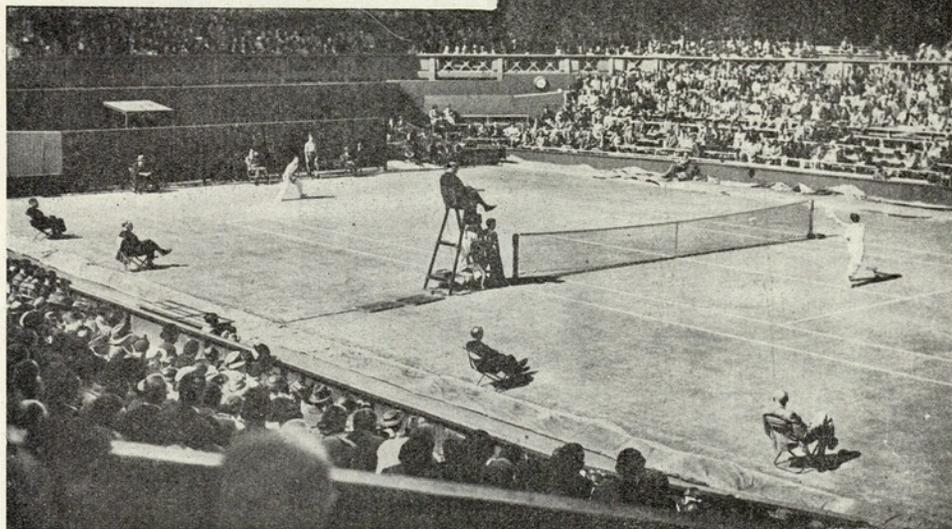
— Se gostar de se fazer elegante para dar prazer aos seus filhos.

Li algures esta sintética frase: «assim como há doenças contagiosas, a mocidade — é a saúde contagiosa.»



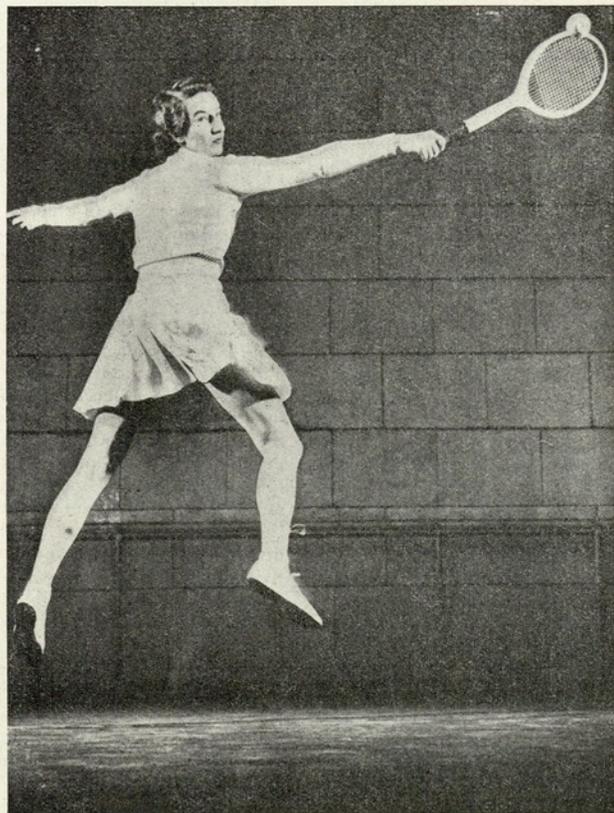
Encantador vestido com bolero, cuja guarnição é constituída por botões

Sport



Uma renhida partida de tennis, disputada em Inglaterra

A TAÇA DAVIS DE LAWN-TENNIS



Uma bela atitude de uma tenista

quisitas, etc. Em 1888 criou-se o Lawn-Tennis Association, para dirigir o jogo em toda a Gran-Bretanha e este desporto evoluiu rapidamente para a sua expressão actual. Vieram os torneios, as competições internacionais, o profissionalismo, o espectáculo.

A TAÇA Davis, instituída pelo americano Dwight Davis em 1900 para ser disputada num campeonato mundial é hoje a prova mais importante depois dos campeonatos internacionais de Londres, nos magníficos courts de Wimbledon — um verdadeiro estádio de tennis, onde há uma infenidade de magníficos courts, todos numerados e sendo o n.º 1 o court dos grandes matches.

Na sua fase final a taça é disputada em quatro partidas de singles e uma de doubles.

Nos três primeiros da Taça, a América do Norte foi a vencedora e é ainda hoje o País que maior número de vezes tem ganho o famoso trofeu, mercê desse excepcional jogador Tilden, considerado a melhor raquete de todos os tempos. Mas no quarto ano a Inglaterra conseguiu conquistar a Taça pela primeira vez.

A França de 1926 a 1932, manteve a supremacia, conquistando seis anos seguidos o título. Dispunha nesse momento de jogadores excepcionais como Borotra, Cochet e Brugnon. Ao sétimo ano, porém, a Inglaterra, então com uma grande equipa, com Austin, Perry, Lee e Hughes, derrota os Estados Unidos e chega à final com a França. E realizam-se uma das mais emocionantes finais. Os franceses eram os favoritos. Excluídos os americanos, a vitória da França era geralmente aceita como certa. O Trianon de Versailles, onde se jogou a final, foi tomado de assalto pelo público desejoso de assistir à sétima vitória consecutiva da excelente equipa francesa. E, durante três dias, a luta teve aspectos dramáticos. No fim, a Inglaterra tinha vencido brilhantemente, o que provocou uma viva emoção em Paris e, mais tarde, críticas aceradas contra Borotra e Cochet, até então ídolos do público e da critica.

A equipa de França vencida ofereceu um banquete aos vencedores. Durante elle, Pierre Gillon, capitão dos franceses, comovidamente fez a entrega da Taça Davis a Roper Barret e Borotra proferiu estas breves palavras: «Perdemos porque a equipa inglesa foi superior a-pesar-de orgulhosamente nos termos defendido o melhor que pudemos. Desejaríamos, é claro, poder continuar com a Davis Cap em França, mas uma vez que ela tem de partir, rejubilamos com o seu regresso a Inglaterra, País ao qual devemos o tennis. Bebo pelos campeões britânicos e pela vitalidade do desporto, que igualmente amamos na vitória como na derrotas».

E com esta bela nota de galanteria desportiva se encerrou uma das mais célebres finais da Taça Davis.

Cândido de Oliveira

O Lawn-Tennis, jogo aristocrático, gracioso, artístico, é relativamente recente. Sucedeu a um outro jogo inglês, algo semelhante, conhecido por «Sphairistiké», nos fins do século passado. Foram os ingleses que criaram também este desporto e o codificaram. Inicialmente, é claro, o desporto não tinha a mesma expressão técnica nem atlética. No seu início, era um inofensivo passatempo, sem as aspirações da competição desportiva. Hoje, é um desporto atlético, com exigências especiais. Jogado por jogadores da categoria de Suzana Lenglen — a formosa jogadora francesa que aos 15 anos ganhava o campeonato do mundo — de Borotra, do inglês Austin, do americano Tilden é um desporto atléticamente tão violento como uma partida de futebol, de rubly, uma corrida de 100 metros ou uma regata, na opinião de célebre Lacoste — e deve ser exacto.

No começo do jogo, a atitude atlética, o esforço violento do *canon falls* dos americanos, no jogo moderno, e a competição reservada aos campeões dos nossos dias, estava substituída por um processo que dava a este proporções de jogo para meninas... A rede então, era muito alta de modo que não era possível o processo actual.

Jogou-se primeiro em «courts» de relva, depois de cimento, em terra batida, em salões de madeira. Empregavam-se bolas simples de borrachá, raquetes de formas as mais es-

A terrível ameaça...

NOVELA DE CRISTIANO LIMA

DECIDIDAMENTE, a sua mulher, a sua querida mulherzinha, carecia de imaginação. Dizia sempre as mesmas coisas da mesma maneira e realizava-as pelos mesmos processos. Era, na sua simplicidade mental, quâsi uma instintiva. Entendia-a sem a menor dificuldade; adivinhava, até com antecipação, os seus desejos, sempre invariáveis, e os seus caprichos, sempre iguais. Naquela manhã, há apenas dois minutos, ela, no quarto de ambos, findo o pequeno almoço, devorado em silêncio, ageitava os cabelos ainda revólto e, num tom carinhoso, sincero em parte e em parte afectado, perguntava-lhe!

— Dize lá... Sê sincero... não te importes de me magoar se for necessário... continuas a gostar muito de mim?

Já sabia o que ia acontecer. Ele respondia-lhe que sim e, a seguir, vinha um pedido que, para satisfazer, custaria centenas de escudos.

Havia, é certo, um recurso: não ser afirmativa a resposta.

Ou, antes, não ser rápida de maneira a dar a impressão da sinceridade espontânea. Mas isso custava caro, dava conflito. E conflito demorado. Acabaria por chegar tarde ao emprêgo e teria ainda de suportar uma cena de ciúmes iniqua, é claro, e uma cena de lágrimas que durava meia hora, fâcilmente. Porque ela chorava sem grande razão. E, como sem razão, ria. A sensibilidade dela é frenética. Chorar ou rir não chegavam a ser nele estado de alma, mas exteriorização sem profundidade, quâsi em exclusivo epidérmica. Cessava de chorar à força de juramentos, de carícias, de beijos. E, quando ela lhe perdoava e sorria, êle ficava sério, porque as conseqüências eram graves. Tinha de lhe atender um desejo, ajudá-la, materialmente, a satisfazer um capricho.

Era, pois, ruinoso o recurso. Perdia tempo e perdia dinheiro. Valia mais perder só dinheiro.

Mas, naquele dia, entendera



que devia acabar com as conseqüências da pergunta e ter a força de moral — que, no fundo o assombrava — de responder com decidida firmeza!

— Continuo a gostar muito... tenho até a impressão de que ainda gosto mais de ti.

E sem lhe dar tempo a que ela retorquisse:

— E a ter de ti, da tua estima, da tua amizade, do teu amor, uma ideia tão nobre, tão pura, que nem, ao de leve, pratico de abominação de suspeitar de que pretendas de mim o vestido, o vestido que te fascina e de que ontem, ao jantar, felizmente que só à sobremesa, me falaste.

Para que ela não falasse, acrescentou:

— E de que aliás não precisas. Tens muitos vestidos e lindos... E tenho-te a ti própria: um rostosinho encantador, uns olhos grandes, negros, deliciosos, cintilantes de vida, de alegria... um corpo airoso, esbelto, fragante, puro e harmonioso de linhas, que não acusam a menor fadiga. Fisicamente és linda, impecável. Não precisas dos vestidos: os vestidos é que precisam de ti para serem belos, para darem a essa megera que é a tua modista uma reputação de mulher de bom gosto... de bom gosto? mais: de requintado, de irremediavelmente requintado...

Parou um momento, a tomar

fôlego. E, depois, já menos risosinho porque a cintilação dos olhos, a expressão do rosto começavam a alarmar:

— Quem tem um marido galanteador, pródigo em madrigais?

Apreciava ela os maridos galanteadores, pródigos em madrigais? Quem a filhasse, naquele momento, olharia com a impressão contrária.

A chuva de palavras do marido pareceu-lhe de péssimo gosto. E a ironia que elas materializavam exasperava-a. Enganava-se desta vez: ela não chorava. Com voz dura, replicou-lhe:

— Falaste!... fálaste!... falaste para que eu não dissesse nada! Fizeste uma alusão ao vestido, para, ridicularizando-me, me tirares a coragem de to pedir. Pois tenho-a, sim. Preciso dum vestido. E é a ti que to peço. Não és o meu marido? Não foste tu, meu orgulhoso, que me proibiste de pedir, fôsse o que fôsse, a meus pais?

Tôda a vibrar de indignação, teve um argumento irrespondível:

— O facto de gostar de ti deve-me forçar a andar tua? Para ser tua amiga, devo fazer figura ao lado das minhas amigas, de ter casado com um pobretão ou um avarento?

Êle calou-se. Ela, em face do silêncio, sentiu-se forte e continuou:

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

LINHA RÁPIDA DA ÁFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL

Paquete "LOURENÇO MARQUES" sairá no dia 30 de Maio pelas 16 h., recebendo carga e passageiros para:

FUNCHAL, S. TOMÉ, SAZAIRE, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOSSAMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE e outros portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeita a baldeação

Importante: — A carga será recebida até às 20 horas do dia 26 e depois desta data até às 18 h. do dia 29 com o aumento de 20%.



Para esclarecimentos e mais informações:

Séde: Rua do Comércio, 85 — telef. 2 3021 [6 linhas] LISBOA

Sucursal: Rua Infante D. Henrique 73 r/c. — Tel. 1 434 PORTO

Sente-se CANSADA

para a tarde?



Sonolenta depois, depois das refeições? Cansada para a tarde? Irritável, nervosa? Tem dores de cabeça; às vezes nas costas e nas pernas? Tez descorada; olhos pesados?

Tudo isto são sintomas de prisão de ventre.

Evacua com regularidade?! Muitas pessoas, cujas funções intestinais parecem regulares, sofrem de prisão de ventre, sem darem por tal. Não eliminam completamente e, assim, acumulam venenos no sangue.

Para estes casos existe um bom remédio: —tódas as manhãs, uma «pitada» de Sais Kruschen. Esta «pequena dose» contém, precisamente, os sais minerais que são necessários para assegurar o perfeito funcionamento intestinal. Os venenos são expulsos de todo o organismo e a saúde acentua-se dia a dia.

A pitada de

KRUSCHEN

basta para que se sinta optimamente

Toma-se com o chá ou em água quente. Kruschen vende-se em 16 das farmácias, a 17\$00 e 10\$00 escudos o frasco.

ATAQUE A INDIGESTÃO

DESTA MANEIRA
FÁCIL



UMA DOR |
UMA RENNIE
UM SORRISO !

QUANDO a digestão for penosa, sentir dores depois de comer, não se sujeite a este sofrimento até chegar a casa. Acabe com a dor em 80 segundos, sem dificuldades nem complicações e mesmo sem recorrer ao copo de água.

Pegue em duas Pastilhas Rennie, metálicas na boca e deixe-as dissolver lentamente. 80 segundos depois, ver-se-á a livre das dores.

As Pastilhas digestivas Rennie fáceis de tomar, são eficientes por agirem, simultaneamente, de 3 formas. Rennie contém anti-ácidos que neutralizam o excesso de acidez; absorventes que reduzem a flatulência; e fermentos que auxiliam a digestão. Rennie é usada e recomendada por 1.198 médicos. Tódas as farmácias as vendem. Pacote pequeno 6\$00, grande 20\$00.

— Has-de comprar-mo. Preciso dele e só a ti to posso e devo pedir.

A atitude perentória da mulher fez-lhe reunir a dispersa energia. E protestou, clamoroso. Imposições, não. E não... e não e não... Em primeiro lugar não lh'o comprava porque ela não precisava; em segundo, porque não queria e ainda, em terceiro, porque o seu orçamento não comportava, naquele mês, e talvez nem no seguinte, nenhum vestido.

— Não compras? repete que não compras! — desafiou ela, audaciosa, com soberba insolência.

— Não compro... não compro... disse e repisou êle, admirado no fundo com o tom forte da sua voz e com a coragem obstinada de que dava provas. A desgraça é que ela quando se zangava ainda parecia mais bonita. E êle, naquele momento, devia achá-la, porque estava irritadíssima, formosa como nunca.

— Muito bem! Não compras, estás no teu direito. Sou escrava da tua vontade, do teu dinheiro. Mas fica a saber: nada ganhas com isso. A partir de hoje, nunca mais porei os pés em casa da modista. Nunca mais farei um vestido. Hei-de usar os que tenho, mesmo quando passarem de moda, quando estiverem velhos... a esfarrapar-se... desbotados... E nem que me peças de joelhos me arrependerei do que te disse. Sabes, como estimo a minha mãe? Pois juro-te pela vida dela, que nunca mais porei os pés em casa da modista.

Sob a terrível ameaça, ele empalideceu. O caso, daquela vez, era mais sério. Sentiu-se triste, profundamente triste, porque ela não chorava. Os olhos, lindos e negros, estavam secos e irados. Pediu a paz, pediu-lhe perdão. Prometeu-lhe o vestido, que faria o

sacrifício de lh'o dar naquele mês, apesar-de, como dissera, a ocasião ser má. E foi, no seu arrependimento, tão persuasivo, tão sincero, tão carinhoso que ela perdoou-lhe e comoveu-se. Chorou, mas de prazer pela sua vitória, afinal pouco difícil.

Já apasiguados, quando ela sorria, perguntou-lhe:

— Mas como hás-de fazer o vestido se juraste não pores mais os pés em casa da modista?

Com um beijo ela explicou-lhe:

— Cumpro o juramento e te-rei o vestido.

— ?
— Mando vir a modista a casa.



Acorde mais nova todas as manhãs

Todos os dias se acorda para a vida! Enquanto o sono faz recuperar as energias ao seu corpo, alimente também a sua pele durante a noite, para na manhã seguinte estar mais fresca e aveludada.

Empregue ao deitar o **Creme d'Argy**, de tão agradável aplicação e esta maravilhosa descoberta do Dr. Charpy, de Paris, fará o milagre rápido do seu rejuvenescimento.

A pele, graças à acção directa das vitaminas que êste Crème contém e se infiltram nas celulas dérmicas cansadas, começa logo após a primeira aplicação a manifestar uma surpreendente transformação. Alimentada durante a noite, torna-se asstetizada e fresca; os mais visíveis estragos da idade ou dos desgostos, as rugas, os pés de galinha, etc., desaparecem rapidamente.

Usado diàriamente, como verdadeiro tónico epidérmico, o Crème d'Argy, vitaminado, torna-a apetecível e saudável.

O **Creme d'Argy**, único creme nutritivo à base de vitaminas, estudado por uma sumidade médica de Paris, especialista nos tratamentos da pele e sua beleza, existem em duas preparações complementares — como creme para se usar de dia, (N.º 1) aplicando-se antes do pó de arroz; e como tratamento nocturno (N.º 2) para aplicações ao deitar.



MATA os microbios da boca que dão origem a tantas doenças graves. EVITA estomatites mercuriais ou bismuticas TRATA gengivas descarnadas ou sangrentas

Neogra- vura, L.^{da}

Heliogravura de arte
Trabalhos gráficos
em todos os géneros

Officinas:
Trav. da Oliveira (à Estrêla), 4-10
Agência Geral
Rua Nova do Almada, 53 - 2.º
L I S B O A



Dunhill

O melhor
cigarro Americano

Importadores exclusivos
Roque Pinto, L.^{da}

R. do Amparo, 94-1.º
L i s b o a



Walter Connolly no empolgante filme «Outro Mundo», que a crítica americana considera uma das melhores produções do ano

Eloqüente prova de vitalidade da indústria britânica

NOVOS FILMES INGLÊSES

No último número prometemos mais largas referências sobre a produção de películas britânicas no sentido de facilitar, aos nossos distribuidores, a sua aquisição para o nosso País. Vamos hoje cumprir essa promessa, a fim de tranquilizar aqueles que, receando uma depressão económica na indústria britânica, lastimavam, amargamente, a perda do nosso mercado para os filmes ingleses, pois decerto, a carências de transporte e os perigos da guerra submarina constituíam sérios obstáculos para a sua compra. Tranquilizem-se os receosos. No mar domina a Inglaterra Londres continua no mesmo lugar e os seus estúdios vivem numa atmosfera febril, produzindo cada vez melhor. Por outras palavras: as transações cinematográficas continuam a fazer-se, tal como antes da guerra, pelas mesmas vias de comunicação. O reconhecimento desta verdade impõe também, que se registre que não escasseiam boas referências sobre a produção de filmes. Facultamos, a seguir, suficientes elementos que revelam uma eloqüente prova de vitalidade da indústria britânica. Filmes já estreados e cuja compra é de aconselhar:

Sailing Along (Gaumont British) — Uma brilhante comédia musical, com a célebre vedeta-bailarina Jessie Mathews, dirigida por seu marido Sonnie Hale. O argumento, género Cinderela, gira em volta de uma pobre rapariga, mas cheia de talento, que Roland Young, um milionário excêntrico, transforma numa grande estrela de «music-hall». No elenco intervêm: Jack Whiting, famoso bailarino americano; Barry Mckay, Noel Madison, Alastair Sim, Margaret Wyner e Peggy Novak.

The Wheel Spins (Gaumont British) — Admirável filme de mistério, com uma esplêndida realização de Alfred Hitchcock — o famoso director de «Rebecca» e «Correspondente de Guerra». O argumento, emocionante, desenrola-se, no «Oriente-Express», em torno do misterioso desaparecimento de Dame May Whitty. Magnífico desempenho da formosa Margaret Lockwood, Michael Redgrave e de Paul Lukas, numa brilhante criação.

The Challenge (London Film) — Trata-se de uma notável versão inglesa do célebre filme, de Luis Trenker, intitulado «Der Berg Ruft». Foi inteiramente filmado nos Alpes. Acção conta o drama de dois alpinistas. Um momento que vale todo o filme: a ascensão do monte Matterhorn. Primoroso desempenho de Luis Trenker, Robert Douglas, Joan Gardner e Mary Claire. Estupenda fotografia de Aloert Benitz. Realização de Milton Rosmer.

We're Going to be rich (20 th Century-Fox) — O primeiro filme da popular comediante inglesa Gracie Fields, para a firma americana The Century-Fox. A história foca tumultuosos períodos da colonização na Austrália e da conquista do ouro, na África do Sul. Ambiente de vibrante sentido popular. Gracie Fields, num papel ajustado ao seu temperamento, canta várias canções. Dois nomes de Hollywood estão a seu lado. Victor Mac Laglen e Brian Donlevy. Realização de Monty Banks. Outros papéis a cargo de June Knight, Jane Carr e William Dewhurst.

Owd Bob (Gaumont British) — Ou «To The Victors». Um dos melhores filmes ingleses de todos os tempos. Trata-se de uma brilhante realização dramática, de Robert Stevenson, sobre a vida rural da Escócia. A história gira em torno da dedicação dum pastor pelo seu inseparável companheiro: um cão. Will Eythe, no papel de pastor, realiza uma notável criação. A parte romântica está confiada a Jonh Loder Margaret Lockwood. Interpretam outros papéis Graham Moffat, Moore Marriot e Wilfred Walter. Dignas de registo, pelo magnífico telêvô fotográfico, as cenas filmadas nos campos e nas aldeias da Escócia.

South Riding (London Film) — Um drama forte, violento, sobre a vida do campo, dirigido, com singular brilhantismo, por Victor Saville. Ralph Richardson, como um «squire» quasi arruinado; Edna Best, no papel de directora duma escola da aldeia; e Edmund Gween, numa personagem hipócrita, domina a acção do filme. Intervêm noutros papéis Ann Todd, John Clements, Josephine Wilson e Peggy Novak.

The Muding of the Elsinore — Brilhante realização sobre uma novela célebre de Jack London. O argumento foca o estranha e dramática aventura de

C I N E M A

ECOS SÔBRE TÉCNICA

Um manual inglês destinado aos operadores projeccionistas

Com o título *The Complete Projectionist*, o nosso confrade londrino *The kinematograph weekly* publicou, em edição dos estabelecimentos «kinematograph Publications», 85, Long Acre, Londres W. C. 2, um manual destinado aos operadores de projecção. O seu custo é de 5 shillings.

Este livro é da autoria de M. R. Howard Crips, redactor técnico do *Ideal Kinema*, suplemento mensal de *The Kinematograph Weekly*. É um manual que se dirige a todos aqueles que manejam os filmes e os sons, dentro das salas dos cinemas. Comporta 225 páginas, de pequeno formato, e compreende 16 capítulos, com 8 apêndices, a saber:

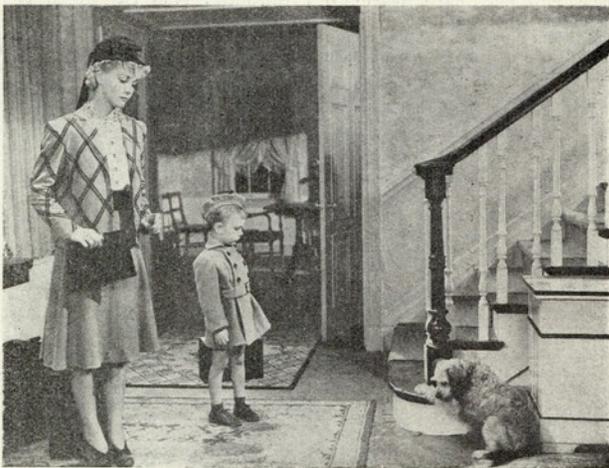
A projecção, princípios de óptica, o projector, princípios gerais de electricidade, iluminação, som e acústica, «cabeça» sonora, amplificadores e alto-falantes, a imagem e o som na sala, o equipamento e

os aparelhos eléctricos, os motores a gás e a petróleo, a cabina de projecção, as faltas de luminosidade na projecção, aquecimento e ventilação, equipamento duma nova sala, etc.

Este livro é, certamente, um dos melhores, dos mais claros e completos que se tem escrito sobre tão importante assunto.

Novo processo de filmes em cores

Com o título «Dufaycolour» acaba de ser lançado no mercado, pela «Spicer-Dufay, L.td» e pela «Colortone Holdings, L.td», um novo processo de filmes a cores. A este importante consórcio associou-se a «Iford, Ltd.» uma das grandes empresas fabricantes de produtos químicos e aparelhos fotográficos. Os principais directores, nesta colaboração comercial, são: F. S. Cotton (da Colortonne), Debrisy B. Mein (da Seiveppesh, Ltd.) e Vincent B. Ramsden.



* Penny Singleton, Lorry Simms e o cão Daisy, numa cena da comédia «Os Ciumes de Blondie», que foca novas aventuras da popular Família Blondie

um escritor a bordo dum navio, cuja tripulação se revolta. Protagonista: Paul Lukas, numa magnífica criação. Participam noutros papéis Michae. Harvey, Clifford Evans, Lynn Harding e Kathleen Kelly.

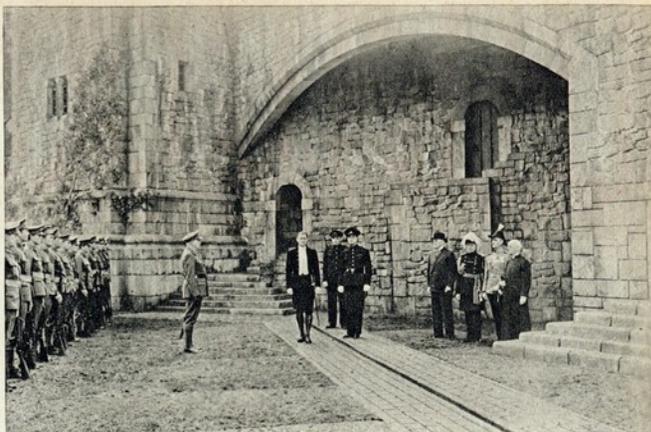
School for Husbands (Associated British) — Hilarante comédia sobre a vida conjugal. June Clyde, Diana Churchill, Reve Harrison, Romney Brent e Henry Kendall são os principais intérpretes duma deliciosa e divertida história de duas lindas raparigas, que dão lições aos respectivos maridos. Um filme de permanente gargalhada!

Wash and Grab — Uma admirável paródia aos filmes de «gangsters» Magnífico entretcho e esplêndida realização, com os populares Jack Buchanan e Elise Randolph nas divertidas aventuras de dois «detectives», que andam à caça duma quadrilha chefiada por David Burns.

Second Best Bed (Capitol) — Alegre e divertida comédia baseada numa história inspirada no tema de «Fera amansada», de Shakespeare. Jane Baxter a linda rebelde que Tom Vallo não consegue dominar. Veronica Rose, Greta Gynte e David Burnaby desempenham outros papéis importantes.

Éis um lote de oons filmes que permite ao cinema inglês consolidar a sua existência. Quando todos o julgavam atascado duma an-mia profunda ou produzindo apenas para as necessidades do mercado confinado às dimensões do seu território, os estúdios britânicos, sem nunca baixarem o nível técnico e artístico das suas obras, com sucessivos e brilhantes exemplos, que podemos confiar, num futuro próximo, no regresso a um período áureo, porque não lhe faltam valeres, nem possibilidades, para reconquistar posições perdidas...

ANTÓNIO LOURENÇO



«O CONDE DE CHICAGO»
(THE EARL OF CHICAGO)

no
EDEN TEATRO

com
ROBERT MONTGOMERY

Drama de grande intensidade, o mais original de todos até hoje aproveitados pelo Cinema. — É um Filme da M. G. M.

Peçam

Gonzalez-Byass

Vinhos e Aguardentes do Jerez
Vinhos do Porto

Tio Pepe
Amorosa
A. B.
Nectar
Solera 1847

Jerez

3 Copas
Soberano
Insuperable

Aguardentes
Jerezanas

Superior Tawny
Special Tawny
Port in Sight
«54 Port.»

Vinhos do Porto

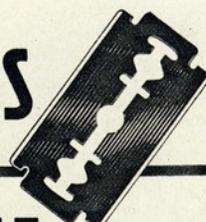
Depositários:

GARLAND, LAIDLEY & C.º LTD.

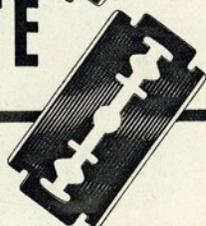
10, Travessa do Corpo Santo — LISBOA

(Telefone 2 3311)

LAMINAS



GILLETTE



AZUIS

● O SEGREDO DAS BARBAS PERFEITAS! As Lâminas Gillette são as mais finas até hoje fabricadas — para barbear bem e suavemente — para grande eficiência e economia. O fio, afiadíssimo, das Gillettes Azuis, faz muitíssimas barbas.



5
6825
10
12850

75, R. da Conceição, 1.º — LISBOA

MUNDO GRÁFICO



A juventude
da R. A. F.
que ganhou
a batalha aérea
de Londres
joga
despreocupadamente